

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

DAVI COURA BORGES

"DAI-ME ALMAS E FICAI COM O RESTO"
AS PRÁTICAS ESCOLARES DO GYMNASIO SÃO JOAQUIM DE
LORENA, PARA A FORMAÇÃO DO BOM CRISTÃO E DO HONESTO
CIDADÃO (1902 - 1928).

MESTRADO EM EDUCAÇÃO:
HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

São Paulo

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

DAVI COURA BORGES

"DAI-ME ALMAS E FICAI COM O RESTO"
AS PRÁTICAS ESCOLARES DO GYMNASIO SÃO JOAQUIM DE
LORENA, PARA A FORMAÇÃO DO BOM CRISTÃO E DO HONESTO
CIDADÃO (1902 - 1928).

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação, sob orientação do Prof. Doutor Kazumi Munakata.

São Paulo

2008

Banca Examinadora

Prof. Dr. Kazumi Munakata

Prof^a. Dr^a. Circe Maria Fernandes Bittencourt

Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Martins

Resumo

Essa pesquisa histórica visa o estudo das práticas escolares do internato salesiano de Lorena, o Gymnasio São Joaquim, durante os anos de 1902 a 1928. Fazendo uma incursão pelas salas de aulas, de estudos, pelos pátios, pelos refeitórios e pelos dormitórios, tem como objetivo, mostrar quais eram e como eram praticadas as atividades para a formação do jovem salesiano, ou seja, o bom cristão e o honesto cidadão. Por meio da interpretação de fontes iconográficas e escritas, da valorização dos diversos sujeitos e ambientes presentes no processo educativo, procura demonstrar como era o cotidiano escolar da instituição. A Pesquisa baseia-se na documentação encontrada no Centro de Documentação do Gymnasio, o CDOC, em especial a Revista de seu grêmio, intitulada O Grêmio. Faz-se uso de Atas referentes à administração da instituição, como as de matrículas, notas e atividades militares desenvolvidas pelos alunos. Utiliza também, livros comemorativos da instituição e bibliografia acerca da história dos Salesianos e dos internatos no Brasil.

Palavras-chave: História da Educação, Gymnasio São Joaquim, Práticas Escolares, Salesianos e Lorena.

Abstract

This historical research aims the study of São Joaquim Boarding school and The Salesiano Gymnasio practices, between the years 1902 and 1928. Doing an incursion through classrooms, study rooms, courtyard, dining-halls and dormitories, it aims to show what and how were practiced the activities to the formation of the young “Salesiano” as a good Christian and honest citizen. Through the interpretation of iconographic sources and writing, from the valorization of several individuals and environments present in the educative process, it seeks to demonstrate how the scholar quotidian of the institution was. The research is based on the documentation found in the documentation centre of the Gymnasio, the CDOC, particularly in the magazine of its bosom entitled “O Gremio”. The proceedings referring to the institution administration such as enrolments, marks, military activities developed by the students are also used. Commemorative books of the institution and bibliography towards the History of the Salesianos and of the boarding schools in Brazil were checked as well.

Key-Words - History of Education, Gymnasio São Joaquim, school practical, Salesianos and Lorena.

*À memória de meus avós maternos e paternos.
Na vida em lembrança vos levo.*

Agradecimentos

Deixo aqui meus sinceros agradecimentos para:

- Antonio Carlos pela disponibilidade de seus documentos e pela atenção;
- João (Kepler) e Cortez, pelo apoio, pelo interesse nos resultados e pela sincera amizade.
- Bibi e Aninha, pela paciência no fornecimento e procura de documentos no IEV e no CDOC;
- Aos Padres salesianos, em especial Pe. Alexandre, Pe. Luis Otávio, Pe. Cristiano e ao estimado Pe. Mário Bonatti, pelo amparo amigo, pela compreensão e pela força.
- Andréia Marcondes, pelas inúmeras revisões de textos, pelas críticas construtivas, edificantes e amigas.
- Marcílio, grande amigo, companheiro de viagem e de desabafos.
- Kazumi Munakata, pela orientação durante estes dois anos e meio de mestrado, pelos apontamentos positivos e pela paciência perante minhas limitações.
- Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, pela bolsa concedida.
- Diretoria de Ensino de Pindamonhangaba, pelo acolhimento.
- Dirigente de Ensino Gicele Paiva Giudice, pela atenção, disponibilidade, pela sensibilidade diante de minhas dificuldades e necessidades.
- Aos amigos do IEV, Pedro Alberto, Juanita, Maria Luiza, Ércio Molinari e Nelson Pesciota, pelo apoio e compreensão.
- Aos amigos Professores e Coordenadores do Colégio São Joaquim pelas palavras amigas e encorajadoras.
- Amigos e Amigas do Setor de Materiais, em especial Cida, Christina, Marilda, Edna, Lauro, Douglas, Luzia, Oriovaldo, Solange, Célia e Zélia pelo cordial acolhimento.
- Para Rosani, pela amizade, atenção e acolhimento à mim dispensado.
- Taíra Nogueira (Meu Danoninho), pela alegria proporcionada, pela sinceridade de teus olhos, pela sutileza de suas palavras, pela singularidade de teus abraços e beijos e, acima de tudo, pelo AMOR RECÍPROCO.
- Senhor Jairo pelos conselhos, pela amizade e pelas palavras acolhedoras.
- Minha Família, recipiente de paz, conforto, verdade e amor. Ao meu Pai, minha Mãe, meu Irmão e minha Irmã, peço desculpas pelo meu nervosismo e pelos cabelos brancos de meus pais. Agradeço as Orações, os conselhos, os abraços fraternos, os puxões de orelha, a paciência absurda e o carinho do ninho. Orgulho-me de ter um Pai, uma Mãe, um Irmão e uma Irmã como vocês. AMO TODOS.
- Aos “Agregados” Jesarela e Carlos André, pela presença e pelas palavras amigas de força e coragem.
- Deus e Nossa Senhora, pela saúde de minha família, pela harmonia familiar, pela Fé, pela proteção nestas estradas e pelo êxito nos desafios.

Sumário

INTRODUÇÃO

1. Cultura Escolar, Cultura da Escola e Instituições Escolares.....	11
2. Breve Histórico dos Salesianos no Brasil.....	18
3. A cidade de Lorena e Gymnasio São Joaquim.....	20
4. Contexto religioso, político e educacional da vinda dos salesianos para o Brasil..	26
5. O Internato Salesiano.....	28

CAPÍTULO - I

1. As Práticas Escolares do Gymnasio São Joaquim.....	32
1.1. O Sermão das Paredes.....	33

CAPÍTULO - II

2. O Soar dos Sinos.....	60
2.1. A Sala de Aula.....	69
2.2. Premiações e castigos.....	75

CAPÍTULO - III

3. Batalhão Gymnasial - A propaganda da Ordem e da Cruz.....	83
3.1. As Práticas Militares do Batalhão Gymnasial do São Joaquim.....	89

CONCLUSÃO.....	96
----------------	----

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98
------------------------------------------	----

Lista de Figuras

Figura 1	
Estado de São Paulo.....	21
Figura 2	
Vale do Paraíba.....	21
Figura 3	
Chalet Mágico e o novo prédio do Gymnasio.....	35
Figura 4	
Campo com a locomotiva ao fundo.....	35
Figura 5	
Luminarias do jardim.....	36
Figura 6	
Praça com ausência de bancos.....	37
Figura 7	
Praça com poucos bancos.....	37
Figura 8	
Fachada do Gymnasio São Joaquim.....	40
Figura 9	
Arquitetura em H do Gymnasio São Joaquim.....	40
Figura 10	
Visão do pórtico lateral direito.....	45
Figura 11	
Interior de um dos Salões de Estudo.....	46
Figura 12	
Planta da organização interna de uma das Salas de Estudo.....	46

Figura 13	
Refeitório do Gymnasio.....	48
Figura 14	
Refeitório Gymnasio com palco ao fundo.....	48
Figura 15	
Pátio interno Gymnasio São Joaquim.....	48
Figura 16	
Sala de Visitas do Gymnasio.....	49
Figura 17	
Sala Nobre do Gymnasio.....	49
Figura 18	
Vista panorâmica do Gymnasio.....	50
Figura 19	
Dormitório do Gymnasio.....	55
Figura 20	
Banheiro de um dos dormitórios do Gymnasio.....	56
Figura 21	
Gabinete de História Natural.....	58
Figura 22	
Gabinete de História Natural.....	58
Figura 23	
Gabinete de Física e Química.....	58
Figura 24	
Laboratório de Química.....	58
Figura 25	
Sala de Aula do Gymnasio.....	72

Figura 26	
Fotos de alunos premiados.....	77
Figura 27	
Nova Sala de Armas do Gymnasio.....	90
Figura 28	
Batalhão Gymnasial do São Joaquim.....	91
Figura 29	
Exercício de ginástica com marimbas.....	92
Figura 30	
Combate Simulado do Batalhão Gymnasial.....	94
 Lista de Tabelas	
Tabela 1	
Número de alunos internos e externos do Gymnasio.....	25
 Lista de Quadros	
Quadro 1	
Horário das atividades cotidianas do Gymnasio.....	68
Quadro 2	
Matérias que compunham a grade curricular de cada ano escolar.....	70

Introdução:

1. Cultura Escolar, Cultura da Escola e Instituições Escolares

“Cada sociedade elabora, historicamente, seu sistema de educação a partir de sua estrutura e organizações sociais. Essa é a razão pela qual a educação de um povo é, assim, inseparável do seu contexto sócio-cultural.”

Casemiro dos Reis Filho (1995, p. 7).

O presente trabalho tem como objeto de estudo a cultura escolar da instituição salesiana de ensino de Lorena, o Gymnasio São Joaquim, durante os anos de 1902 a 1928.

Num movimento de rompimento e atualização da historiografia quanto as interpretações economicistas, generalizantes e estruturais e em acordo com uma produção preocupada com as particularidades regionais, com as acomodações entre as determinações legais e sua efetuação empírica, nas relações entre os indivíduos ocupantes de um determinado grupo, suas produções culturais, seus conflitos, sua rotina e sua interpretação de mundo, nos objetos de que se utilizam para o convívio em sociedade, enfim, numa valorização da experiência como suporte epistemológico, a História da Educação acompanhou essa nova corrente de mudanças paradigmáticas e de inovações dos seus objetos de estudo.

Thompson (1981), ressalta a necessidade da valorização do sujeito no processo de elaboração do conhecimento histórico, ressaltando a importância de se levar em conta as mediações culturais e morais que se articulam na sociedade e, para a viabilidade dessa análise, coloca a obrigatoriedade de transformar as práticas sociais em Objetos Históricos. Essa análise das experiências sociais, ainda segundo o autor, permite resgatar, mesmo que de forma inexata, as adequações normativas de caráter político, moral e religioso, revelando-nos de forma prática suas diversas acomodações e interpretações pelos diversos grupos sociais.

(...) uma categoria que, por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento (THOMPSON, 1981, p. 15).

Esse contexto de reformulações teórico-metodológicas com as investigações historiográficas, influenciou e estimulou os pesquisadores da História da Educação, primeiramente na Europa a partir dos anos 60, a ampliarem suas discussões sobre os novos objetos e métodos a serem utilizados para endossar suas pesquisas. Um novo olhar foi lançado sobre fontes tradicionais, suscitando o surgimento de outras como “*autobiografias e diários, os relatórios das visitas de inspeção, as descrições do edifício, das salas de aula, ou da vida escolar em geral, as memórias de arquitetos, fotografias e plantas, cadernos e diários de classe, exames, mobiliário(...)*”. (VIÑAO FRAGO & ESCOLANO, 1998, p.14.).

Resultou desse processo de reconfiguração da História da Educação, uma maior ramificação das linhas de pesquisa em campos mais específicos de conhecimento, como a história das disciplinas escolares, história dos currículos, história da profissão docente, história dos livros didáticos, história da arquitetura escolar, história das instituições escolares, entre outras, que nos levaram a uma maior capacidade de investigação e interpretação das transformações por que passou a escola e as ideologias escolares no curso de sua história, ou seja, por meio desses vestígios históricos reconstruir a cultura escolar.

Conceitualizando cultura escolar, Dominique Julia (2001) a define como:

um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (p. 10). (Grifos do autor).

Importante ressaltar que o conceito de cultura escolar mencionado acima por Julia, aborda de uma maneira ampla as normas, as práticas, os conteúdos a inculcar, não dando conta das especificidades de cada instituição escolar. Segundo WALLER (2001), a escola é um mundo social porque seres humanos vivem dentro dela, logo, seres humanos diferem em comportamento, em cultura e atitude, uns dos outros. Salienta também, a especificidade do ambiente escolar como um lugar para se ensinar e aprender, baseado na relação entre professor e aluno, portando um espaço de interações sociais. Dentro dessa interação são reproduzidos valores, instituído *habitus* (BOURDIEU & PASSERON, 1975), por meio de práticas pedagógicas *visíveis* e *invisíveis* (BERNSTEIN, 1989). Desse modo, para dar conta

da cultura escolar de cada instituição torna-se necessário um estudo mais específico, que consiga esclarecer o que lhe é próprio e característico. Dando conta dessa lacuna, FORQUIN (1993) desenvolve o conceito de *cultura escolar* e de *cultura da escola*. Para ele *cultura escolar* é definida como:

[...] o conjunto de conteúdos cognitivos e simbólicos que selecionados, organizados, ‘normalizados’ rotinizados, sob efeitos de imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas”. (FORQUIN, 1993, p. 167.).

E, pela necessidade de tratar as instituições escolares como mundo social, portadoras de particularidades, de uma cultura própria de seu contexto, Forquin define:

a escola é também ‘mundo social’, que tem suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos. E esta ‘*cultura da escola*’ [...] não deve ser confundida tampouco com o que se entende por cultura escolar. (FORQUIN, 1993, p. 167.). (Grifos meus).

Como lugar empírico de surgimento e reprodução da cultura da escola, as Instituições Escolares passaram a ser estudadas de forma mais sistemática, acompanhando o contexto de reformulação e inovações das pesquisas em História da Educação. Pesquisadores portugueses como Justino Pereira de Magalhães e Antonio Nóvoa, com suas respectivas obras: *Contributo para a História das Instituições Educativas – Entre a Memória e o Arquivo* e *As organizações escolares em análise, e o de André Petitat, Produção da escola, produção da sociedade*, desenvolveram em seus países investigações que ampliaram as concepções sobre a cultura escolar, propondo novas tendências teórico-metodológicas para a investigação das Instituições Escolares.

Segundo Justino Magalhães:

A história das instituições educativas é um domínio do conhecimento em renovação e em construção a partir de novas fontes de informação, de uma especificidade teórico-metodológica e de um alargamento do quadro de análise da história da educação, conciliando e integrando os planos macro, meso e micro. É uma história, ou melhor, são histórias que se

constroem numa convergência interdisciplinar. (MAGALHÃES, 2005. p. 98).

Percebe-se na definição apresentada pelo autor que investigar tais instituições vai muito além de conferir-lhe uma linearidade histórica, mais sim um movimento de contextualização entre a evolução de uma determinada comunidade e a capacidade ou não de articulação da escola, de seus membros, de sua administração interna, da sua produção cultural perante essas transformações. O estudo das Instituições Escolares pretende colocar à luz das investigações científicas, num movimento de confronto entre teoria e fontes empíricas, os agentes imbricados no processo de escolarização, fazer uma análise contundente dos espaços sociais destinados ao ensino e a aprendizagem, trazer para o bojo das pesquisas todos objetos que possam nos remeter a vivência escolar, ou seja, a cultura da escola. Nota-se que:

a história das instituições educacionais almeja dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas, gerando um conhecimento mais aprofundado destes espaços sociais destinados aos processos de ensino e de aprendizagem, por meio da busca da apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela se tenha transformado no decorrer dos tempos. (GATTI JÚNIOR, 2002. p. 20).

No processo de inovações teórico-metodológicas no campo de pesquisas sobre instituições escolares, Justino Magalhães (1998) elenca algumas categorias de análise para a investigação e delimitação objetiva do assunto estudado, sendo eles o espaço escolar, o tempo escolar, o currículo, o modelo pedagógico, os professores, os manuais, o público e as dimensões escolares. Por meio dessas categorias ocorre uma maior especificidade do objeto estudado, uma fragmentação ao mesmo tempo benéfica no que se refere a multiplicidade dos resultados investigativos e perigosa no que se refere a *“atomização dos objectos científicos, superficialidade e ausência de uma narrativa que articule rigor científico com uma discursividade orientada para o leitor(...)”*. (MAGALHÃES, 2005. p.94).

No Brasil, as pesquisas sobre Instituições escolares acompanham um horizonte comum com as produções de autores estrangeiros, sendo destaque as pesquisas sobre

criação e desenvolvimento das instituições escolares, a arquitetura escolar, os processos de conservação e de mudança do perfil dos docentes e dos alunos e as formas de configuração e transformação do saber veiculado nessas instituições. (GATTI JÚNIOR, 2002. p. 21.). Como destaque temos os trabalhos de Ester Buffa e Paolo Nosella, *Schola mater: a antiga escola normal de São Carlos 1911 – 1933*, e *A escola profissional de São Carlos*, que nos mostram de um lado, uma escola vultuosa, voltada para a formação de uma elite econômica e política, que percebeu na educação e na aquisição cultural uma forma de se distinguir socialmente, e, de outro lado um colégio arquitetonicamente modesto, voltado a atender uma população subalterna, mandada, desfavorecida economicamente, formada para atuar no trabalho mecânico. Outros trabalhos como o de Décio Gatti Júnior, *Reflexões teóricas sobre a história das instituições educacionais*, o organizado por José Carlos Souza Araújo e Décio Gatti Júnior, *Novos Temas em História da Educação Brasileira: Instituições Escolares e Educação na Imprensa* e o organizado por Décio Gatti Júnior e Geraldo Inácio Filho, *História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*, abordam temas e reflexões sobre a História da Educação, das Instituições Escolares, de levantamentos e análises sobre as produções científicas na área e um balanço perspectivo dos resultados obtidos com os diversos Congressos em História da Educação. Outro trabalho é o de Maria Aparecida Félix do Amaral, *A educação das mulheres no Vale do Paraíba através da ação das irmãs salesianas do Colégio do Carmo de Guaratinguetá: 1892-1910*, que faz um estudo da cultura do Colégio Salesiano Do Carmo, destinado primeiramente às meninas desamparadas e pobres, mas que pela pressão da elite agrária transformou-se em uma instituição imbuída de educar as filhas das famílias ricas do Vale do Paraíba.

Por meio desses trabalhos sobre Instituições Escolares uma nova concepção sobre a estrutura educacional brasileira esta se configurando, apoiando-se em novos sujeitos e objetos pertencentes ao espaço escolar. As pesquisas estão dando conta de uma história educacional inédita, revelando-nos vozes e rotinas passadas até então não consideradas e que contribuem para a elaboração, cientificamente estruturalizada, de uma nova História da Educação, que leva em conta as particularidades regionais e as singularidades das instituições de ensino.

O esforço interpretativo contido no desenvolvimento de investigações afetas ao campo da história das instituições educacionais e mesmo ao campo das disciplinas escolares tem estado à frente da possibilidade de escrita de uma nova história da educação brasileira, capaz de levar em conta as especificidades regionais e as singularidades locais e institucionais, ancorada, agora, em um conjunto de estudos monográficos rigorosos e criteriosos, elaborados paulatinamente nas diversas regiões brasileiras. (GATTI JÚNIOR & PESSANHA, 2005. p. 82-83).

A delimitação temporal desta pesquisa, 1902 a 1928, foi feita a partir das fontes selecionadas para a execução da mesma. A fonte mais antiga foi o *Boletim Salesiano de 1902*, e, a mais recente, uma Memória de um ex-aluno do Gymnasio durante os anos de 1924 a 1928.

Como fonte principal utilizei a revista *O Grêmio*, fundada em 1910 e redigida pelos alunos do grêmio Joaquim Nabuco¹, do Gymnasio São Joaquim. Essa revista circulou de 1910 até 1940, sendo publicada no início mensalmente e posteriormente sofreu uma instabilidade na periodicidade, havendo edições de três meses em um só volume e até mesmo um ano em uma única revista. Em seus exemplares existem estatutos do grêmio e do colégio, notícias do cotidiano do Ginásio e da cidade, resumo de reuniões dos alunos, das festas escolares, dos passeios, entrevistas de alunos relatando suas angústias para com as provas, a saudade dos pais e de casa, publicações das melhores poesias feitas durante as aulas de português, fotos do interior do prédio, das salas de aula, dos laboratórios, das salas de visitas, da sala do diretor, dos dormitórios, da cozinha, do banheiro, das festas e dos intervalos. Estas revistas eram elaboradas pelos alunos e, antes da sua impressão nas oficinas salesianas do Liceu Coração de Jesus ou do Colégio Santa Rosa do Rio de Janeiro, passavam por uma censura de um padre responsável.

Nas primeiras páginas destes impressos, observam-se textos de cunho moral com os seguintes títulos: *A Família, A fé, O remorso, A esperança, A ciência e a fé, Religião e fé, A Vocação, O dogma da encarnação*, e presente aleatoriamente em suas páginas, frases expressando valores cristãos e a preocupação com a “má imprensa”:

¹ Foi fundado em 1910, pelos alunos do curso Secundário do Ginásio. Nele eram feitas leituras, declamações, discutido assuntos relacionados ao cotidiano escolar e aos acontecimentos do mundo, como guerras e novidades tecnológicas. O Grêmio Joaquim Nabuco possuía uma biblioteca particular e uma sala própria para reuniões. Seus membros, secretários, presidente e vice-presidente eram indicados e eleitos pelos seus sócios.

Respeitai e amai vossos companheiros como irmãos e procuraed edificarvos mutuamente com bons exemplos. D. Bosco. (O Grêmio, nº 32, 1913, p. 7).

Fugi dos maus livros e da má imprensa como da peste. (O Grêmio, nº32, 1913, p. 12).

Todos os exemplares dessa revista encontram-se atualmente no CEDOC (Centro de Documentação), do Colégio São Joaquim de Lorena.

Utilizo também fontes iconográficas encontradas nas páginas da revista O Grêmio, no acervo de fotos do CEDOC e na coleção particular do Professor e fotógrafo lorenense, Ércio Molinari. Estas, possibilitam um contato empírico com a arquitetura do prédio, com os alunos e professores da Instituição, com o cotidiano escolar, proporcionando um resgate do contexto cultural daquele momento histórico. (KOSSOY, 1995).

Foram utilizadas também Atas alusivas das atividades militares do Ginásio dos anos de 1916 e 1921. Por meio destas, obteve-se uma noção de quais eram as atividades militares desenvolvidas pelos alunos e como eram executadas.

Por fim, foi feito uso da memória “*Reminiscência do Ginásio São Joaquim de Lorena (1924-1928)*”, do ex-aluno Lycurgo de Castro Santos Filho. O autor, neste livro, retrata com detalhes como foi a sua vida de interno no Ginásio São Joaquim durante os anos de 1924 a 1928. Ele descreve as atividades cotidianas dos alunos, como eram as aulas, os passeios, os dormitórios, os livros utilizados, as atividades esportivas, as premiações, etc. Comparando esta memória com outros documentos, tornou-se possível uma noção mais precisa de algumas práticas escolares desta instituição.

Estudar as práticas educacionais do Colégio São Joaquim me coloca diante de um passado do qual fiz parte. Cursei nessa instituição, a partir de 1985, todos os níveis de ensino, do Jardim da Infância ao último ano da Graduação em História e posteriormente mais um ano e meio de Pós-graduação (Latu-sensu). Há três anos sou professor da casa, somando um total de vinte anos e meio dentro de um estabelecimento de ensino salesiano.

Como professor, pude ter maior contato com as aspirações dos Salesianos para com seus alunos, corroborando para isso os diversos encontros de formação pedagógica e de formação espiritual promovidos pelo Colégio São Joaquim. Passei a perceber que algumas atitudes que tomava na sala de aula e fora dela eram espontâneas, ou automáticas, como exemplo a preocupação constante de despertar nos alunos a confiança, o afeto, a bondade, a

religiosidade, o interesse musical e esportivo, ou estar durante o intervalo no pátio conversando ou em alguma atividade esportiva com os jovens.

Com as leituras direcionadas para o tema da cultura escolar, cultura da escola e sobre instituições escolares, mencionadas acima, verifiquei que essa espontaneidade de atitudes era consequência de inúmeras práticas escolares operadas pelos padres, pelos professores e funcionários durante meus anos de estudo no São Joaquim, o que me instigou a investigá-las. Algumas delas são: o Bom Dia, no qual todos os alunos se reuniam para rezar antes de entrar para a sala de aula, as bandas musicais dos alunos, os Encontros Vocacionais, as participações na pastoral do colégio, nos retiros espirituais, nas suas gincanas filantrópicas, nos seus torneios esportivos, nos desfiles pela cidade, nas passeatas, na participação do grupo de Jovens Para Cristo, enfim, um arcabouço de civismo, religiosidade e educação.

Estudar uma Instituição de ensino centenária como o Colégio São Joaquim, possibilita um olhar sobre o passado educacional brasileiro, sobre as particularidades da educação no Vale do Paraíba e em particular na cidade de Lorena. A verificação de suas práticas escolares nos fornece elementos característicos da ação e da educação salesiana, nos levando as seguintes indagações: como foi a articulação dos salesianos para manter seus objetivos diante das transformações da sociedade? Como os seus funcionários, alunos, professores e padres se relacionavam dentro do colégio? Como eram e o que se ministravam nas aulas? Como o espaço e a arquitetura do prédio eram usados pedagogicamente? Quais os mecanismos e como se fazia a inculcação dos valores salesianos nos jovens? Por tudo isso, o estudo de tal instituição torna-se viável e necessário, pois, possibilita a ampliação das investigações da cultura interna dos colégios de caráter confessional e de como se deu as articulações com a sociedade, a política e com a cultura de seu tempo.

2. Breve Histórico dos Salesianos no Brasil:

Os Salesianos são uma comunidade cristã fundada em 1859, em Turim (Itália), pelo padre italiano Giovane Bosco (Dom Bosco). O nome Salesiano vem de São Francisco de Sales, Bispo de Genebra no século XVII e Patrono dos Salesianos. Segundo Dom Bosco,

este Santo possuía qualidades essenciais para a edificação de sua obra, sendo exemplo a paciência e caridade pastoral.

Dom Bosco nasceu em Castelnuovo d'Asti, no norte de Itália, em 16 de Agosto de 1815. A sua mãe educou-o na fé e na prática coerente da mensagem evangélica. Tinha apenas nove anos quando um sonho o fez intuir que deveria dedicar-se à educação da juventude. Ainda pequeno, começou a entreter os companheiros com jogos que alternava com a oração e a instrução religiosa. Ordenado sacerdote, escolheu como programa de vida o lema "Dai-me almas e ficai com o resto". Deu início ao seu apostolado entre os jovens pobres e abandonados, fundando Oratórios e pondo-os sob a proteção de S. Francisco de Sales. O Oratório Salesiano segundo o *Boletim Salesiano*² de 1902, deveria ser um ambiente no qual os jovens:

Afluem para passar, santa e alegremente, os dias santificados, afastando-se, por este meio, dos perigos que encontram pelas ruas, e instruindo-se na prática da religião. (...) a função destes oratórios é importantíssima. Quem quiser regenerar um povo ou uma cidade (...) não encontra meio mais poderoso do que um bom oratório festivo.
(p. 21).

Dom Bosco morreu no dia 31 de Janeiro de 1888, foi declarado Santo em 1934 e no centenário da sua morte, João Paulo II proclamou-o Pai e Mestre da Juventude. Deixou-nos o *Sistema Preventivo*, um método educativo que tornou-se norteador das obras salesianas. Tal sistema possui por base a tríade razão, religião e bondade e é entendido como um manual de formação do espírito, no qual ação pedagógica mistura-se com a ação pastoral e formação espiritual, educadores e educandos relacionam-se e se respeitam, tomando por base a confiança e o afeto recíproco. Scaramussa(1984), citando o Capítulo Geral da Congregação Salesiana (CG 21,96), nos afirma:

Na mente de Dom Bosco e na tradição salesiana, o sistema preventivo tende sempre mais a identificar-se com o espírito salesiano: é ao mesmo tempo pedagogia, pastoral, espiritualidade, que associam numa única experiência dinâmica, educadores (...) e destinatários, conteúdos e

² Desde setembro de 1877, iniciou-se em Turim, a publicação do *Bollettino Salesiano*, transformado em seguida, em órgão oficial dos cooperadores salesianos. É possível que alguns imigrantes italianos já tenham trazido para o Brasil exemplares dessa publicação, recebidos na Itália. Mas é certo que essa publicação começou a ser difundida no País desde a chegada dos primeiros salesianos, sobretudo entre cooperadores e amigos que tinham acesso ao idioma italiano. (AZZI, 2000. p. 396).

métodos, com atitudes e comportamentos nitidamente caracterizados. (SCARAMUSSA, 1984. p. 1).

No mundo todo, os Salesianos ocupam o terceiro lugar entre as Ordens Religiosas, depois dos Jesuítas e Franciscanos, possuindo aproximadamente, segundo a Revista Salesianos (1999, ano 1, nº 1. p. 10), 96 bispos, 10.060 sacerdotes, 16 diáconos, 3.218 seminaristas e 2.515 religiosos leigos distribuídos pelos cinco continentes e presentes em 118 países³.

No Brasil, os salesianos se estabeleceram primeiramente em Niterói com o Colégio Santa Rosa no ano de 1883, depois em São Paulo com Liceu Coração de Jesus no ano 1885 e em Lorena com o Colégio São Joaquim, durante o ano de 1890. Com o crescimento das comunidades com o passar dos anos tornou-se necessário a criação de novas casas e inspetorias em outros estados. Atualmente existem no Brasil seis inspetorias, com as respectivas sedes: São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG), Campo Grande (MS), Manaus (AM), Porto Alegre (RS), e Recife (PE). (Revista Salesianos, 1999, ano 1, nº1. p. 11).

3. A cidade de Lorena e Gymnasio São Joaquim:

“Terra, nova terra minha, que procuro servi, como o estrangeiro que, ofuscado, planta e colhe, ou como o neto que restaura em chão maior a residência dos avós e nele firma a casa de seus filhos, um lar de pedra para os filhos de seus filhos;”
(Péricles Eugênio da Silva Ramos)

Gaypacaré, “Terra das Palmeiras Imperiais” ou Lorena, como hoje é conhecida, está localizada na Zona do Alto Vale do Paraíba.

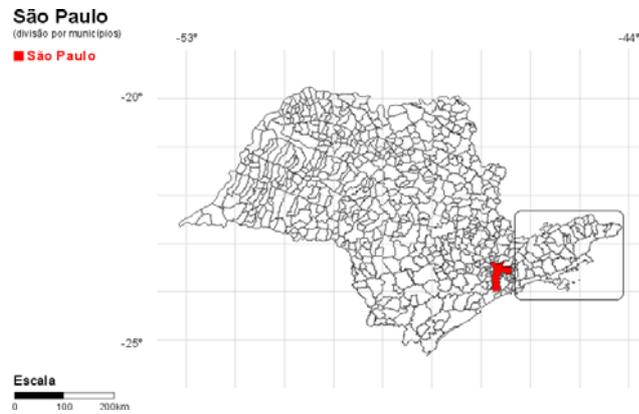
O núcleo inicial da povoação surgiu no final do século XVII ao redor das roças de Bento Rodrigues Caldeira, com o nome de Porto de Guayapacaré. Em 1705, tornou-se conhecida por Nossa Senhora da Piedade após ser construída uma capela dedicada à Santa de mesmo nome.

Em 1718 tornou-se freguesia e foi elevada à categoria de Vila em 14 de novembro de 1788, com o nome de Lorena por decreto do Capitão-General Bernardo José de Lorena, então governador de São Paulo. Finalmente em 1856 a Vila de Lorena foi elevada a condição de cidade.

³ Atualmente já são 127 países com obras salesianas, contendo cerca de 402500 membros.

Figura 1

Mapa do Estado de São Paulo



(www.limgs.com – acesso em 8/06/2008)

Figura 2

Mapa do Vale do Paraíba



(www.cidadeaparecida.com.br – acesso em 8/06/2008)

O povoado nasceu como ponto de apoio das expedições bandeirantes que iam a Minas Gerais à procura de ouro. Passado o ciclo da exploração do ouro em Minas Gerais,

Lorena como outras cidades vizinhas, vive um período de abandono, mas o Ciclo do Café no século XIX, proporcionou a oportunidade de recuperação da região.

Em 1877, com a chegada da linha férrea a cidade perde sua característica de ponto de apoio e parada dos comerciantes, dos tropeiros e da população em geral que estimulava seu comércio, pois o trem acelerou as viagens não sendo necessário mais os pousos e paradas. Verifica-se em Lorena as conseqüências de um processo de urbanização crescente, sendo instalada novas casas de comércio; a criação do Mercado Municipal; a criação do Núcleo Colonial de Caninha para atender a demanda de cana-de-açúcar para o Engenho Central e tendo como conseqüência a entrada de imigrantes italianos e belgas na cidade e a implantação do 5º Regimento de Infantaria.⁴ (EVANGELISTA, 1978).

Mesmo em meio a crise cafeeira, algumas cidades do Vale do Paraíba, como Guaratinguetá, apresentam sinais de crescimento e dinamismo cultural:

A Região do Vale do Paraíba, especificamente Guaratinguetá, embora com perfil mais conservador em relação às outras regiões da Província de São Paulo, especialmente ao Oeste Paulista, no concerne às questões culturais, apresentava à época uma diferenciada preocupação com a cultura e com a sociabilidade, através do Club Literário e do Teatro da Cidade, demonstrações que podem ser indicativos da convivência com o novo, com o urbano, que aos poucos vai se constituindo, em confronto, em tensão, com a mentalidade e as práticas ligadas ao modo de vida rural, mais fechado, resistente às mudanças. (SILVA, 2001. p. 59).

Nesse momento Lorena contava, segundo o primeiro censo, realizado em 1868, com uma população de aproximadamente 10.158 habitantes, sendo 1.496 na zona urbana e 8.662 na zona rural. Da população urbana 1.212 pessoas eram livres e 284 escravos, havia 310 casas, 36 não católicos e 74 estrangeiros. (EVANGELISTA, 1978, p. 119).

Nas últimas décadas do século XIX, os antigos cafezais valeparaibanos esgotaram-se e foram transformados em pastagens para gado leiteiro. Os fazendeiros não conseguem manter a mão-de-obra dos ex-escravos nem dos imigrantes e, uma vez arruinados, vendem grande parte de suas propriedades.

Com a falta de mão-de-obra e o perecimento dos velhos cafezais, a pecuária ocupa o seu lugar, nas fazendas. As antigas famílias locais

⁴ Para uma apresentação sucinta da História de Lorena, ver: (<http://www.cmlorena.com.br/histlorena.php> - acesso em - 8/06/2008).

instalam-se na capital ou mudam-se para as novas regiões. Os mineiros, pecuaristas de leite e de gado de corte, vão comprando as velhas propriedades rurais decadentes, no vale paulista, a preço vil. (SOBRINHO, 1978, p.103).

Em meio à estagnação econômica, ao quadro desanimador e ao despovoamento da região, ocorre a Proclamação da República e a vinda dos padres salesianos para Lorena em 1890. Para situar os motivos e os fatores determinantes da instalação dos salesianos na região, apresento um rápido panorama da sua história e fundação⁵.

No ano de 1887 um comerciante rico da cidade, o Conde Moreira Lima, faz um convite aos Salesianos para que estes instalassem aqui a terceira casa no Brasil. A proposta foi aceita devido as facilidades oferecidas pelo Conde: doação de um prédio, de terrenos, mobílias e reformas necessárias, também pela localização da cidade, situada entre São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Filho de uma família tradicionalmente liberal passa a dedicar-se a vida comercial como auxiliar de seu pai, Joaquim José Moreira Lima, capitalista de renome por todo o Vale do Paraíba, passando depois a negociar por conta própria adquirindo grande número de propriedades rurais. Casou-se com sua sobrinha Risoleta Leitão de Moreira Lima, com a qual não teve nenhum filho.

Com grande fortuna herdada e criada, destinou parte desse capital acumulado em obras de caráter assistencialista e de caridade, sendo exemplos o Colégio São Joaquim, a Santa Casa de Misericórdia, o Engenho Central, a Matriz, a Basílica de São Benedito, entre outras.

O terceiro colégio salesiano no Brasil começou a funcionar no dia 3 de Março de 1890, possuindo vinte alunos internos e setenta externos. Segundo seu primeiro diretor, padre Carlos Peretto, destinou-se “*para estudos primário e secundário e ensino também de artes e ofícios, com o fim de dar aos meninos, juntamente com educação moral e religiosa, uma instrução proporcionada a sua condição e formá-los(...) virtuosos cidadão e bons operários*”.(AZZI, 1983. p. 234).

Mas, na prática, tal colégio com poucos recursos destinou-se aos filhos da classe média, pois é observando em suas matrículas “*muitos filhos de pequenos e médios*

⁵ Sobre a história do Colégio São Joaquim ver (EVANGELISTA, 1991), sobre os salesianos e o contexto de sua vinda para o Brasil, suas relações com a sociedade e seus objetivos (AZZI, 1998 e 2000) e para um estudo exclusivo dos internatos salesianos e suas particularidades (PONCIANO DOS SANTOS, 2000).

proprietários agrícolas do Vale do Paraíba e Sul de Minas”. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000. p.229). Esse movimento para conseguir se manter e atrair recursos é percebido na sua equiparação ao Colégio Pedro II (Ginásio Nacional) de 1906 a 1911, movimento este propiciado pela reforma Eptácio Pessoa⁶ (Decreto nº 3.914, de 26 de Janeiro de 1901), o que proporcionou um movimento ascendente em suas matrículas em virtude do status de Ginásio que adquiriu o colégio.

De 1911 a 1915, o Ginásio São Joaquim adquire uma certa independência quanto aos programas oficiais do Ginásio Nacional, em decorrência da nova lei proposta pelo Ministro Rivadávia Correa (Decreto nº 8.659, de 5 de Abril de 1911), no qual aplicou-se “*ao ensino secundário um regime de ‘amplas autonomias’ (...) diversificado e flexível, a realizar-se em estabelecimentos autônomos*”.(NAGLE, 1974, p. 144 e 145).

Tal recurso dava autonomia para os Ginásios reformularem seus currículos independentemente, ou seja, não mais de acordo com as exigências do ginásio-modelo, o Ginásio Nacional. Em “*franco desacordo com as condições do meio escolar brasileiro, as medidas desoficializadoras de 1911 provocaram ‘grande balbúrdia na vida escolar’*”. (NAGLE, 1974. p. 145). Foi dada essa abertura aos Ginásios, mas em contrapartida criou-se os exames de admissão ao ensino superior, fato esse proporcionado, segundo a lei anterior, “*pelas cartas de bacharel e pelos certificados de exames ginásiais ou de preparatórios, conferidos, até então, pelo Ginásio Nacional e estabelecimentos equiparados*”. (NAGLE, 1974. p. 144). Em 4 de maio de 1926 é municipalizado, adquirindo o nome de Ginásio Municipal São Joaquim.

Evangelista (1991), comentando sobre as relações entre os salesianos de Lorena com os militares, com a paróquia, com a Diocese e a política local afirma:

Com os militares, (...) a aproximação era total. Se o Pe. Diretor foi cumprimentar o comandante do 53º B.C. por seu aniversário, a gentileza foi retribuída com a alvorada imprevista da Banda do Batalhão, no dia do natalício do Pe. Marcigaglia.

(...) com relação a Paróquia e a Diocese eram as melhores possíveis. O Vigário, Pe. José Artur de Moura, ex-aluno, era o presidente do centro de ex-alunos, que se reunia em jantar festivo, ao menos uma vez por ano.

⁶ Segundo Jorge Nagle (1974, p. 144), esta segunda reforma republicana consolida o regime de equiparação, aplicando-o indiscriminadamente aos estabelecimentos estaduais, municipais e particulares.

(...) Com a Diocese de Taubaté e seu Titular, D. Epaminondas, já muito idoso, as relações eram estabelecidas por meio do Vigário Geral, Mons. Nascimento de Castro, que vinha sempre à Casa e era recebido com sinais de deferência e simpatia.

(...) na política local, extremamente virulenta na época, o Pe. Marcigaglia conseguiu manter o equilíbrio, sem pender para um ou outro lado. (p. 174)

Na tabela abaixo apresento a quantidade de alunos internos e externos matriculados durante os anos desta pesquisa.

Tabela 1

Número de alunos internos e externos do Gymnasio

ANOS	ALUNOS INTERNOS	ALUNOS EXTERNOS
1902	65	0
1903	78	81
1904	44	117
1905	52	103
1906	68	76
1907	91	38
1908	109	23
1909	111	10
1910	158	8
1911	129	5
1912	105	3
1913	97	26
1914	123	44
1915	129	27
1916	153	42
1917	196	56
1918	231	74
1919	291	71
1920	291	85
1921	213	63
1922	307	85
1923	349	154
1924	414	151
1925	405	152
1926	385	144
1927	377	172
1928	382	124

(PONCIANO DOS SANTOS, 2000, pp. 231-237; e EVANGELISTA, 1991, pp.109-253)

As vagas oferecidas para os alunos, eram limitadas pela quantidade de camas dos dormitórios e pelo número de carteiras das salas de aulas e de estudo. Com o crescimento do Gymnasio, foram feitas novas salas e ampliou-se os dormitórios, proporcionando um maior número de vagas.

4. Contexto religioso, político e educacional da vinda dos salesianos para o Brasil:

Para entendermos o amplo movimento de renovação, pela qual passou a instrução pública e particular, torna-se necessário verificar o papel atribuído à educação no final do século XIX e início do XX. A educação passa a ser a alavanca para a regeneração social e ferramenta capaz de colocar o Brasil na marcha dos países “civilizados”.

Como pioneiros neste processo de reformulação educacional, temos o Estado de São Paulo. Este, passa a ser referência e a ditar as regras e as inovações didático-pedagógicas de outros Estados do Brasil. Os republicanos paulistas “... *mitificaram o poder da educação a tal ponto que depositaram nela não apenas a esperança de consolidação do novo regime, mas a regeneração da Nação*”.(SOUZA, 1998, p. 15.).

Foi elaborado nesta época/gênese da República brasileira, um amplo projeto civilizador, no qual a educação popular passou a ser entendida como uma necessidade política e social, considerada uma ferramenta de controle e ordem, pacificadora e polidora dos costumes.

Como peça fundamental deste movimento de renovação educacional, temos a implementação do *método intuitivo*. Tal método, surgiu na Alemanha no final do século XVIII, por iniciativa de Basedow, Campe e sobretudo de Pestalozzi, que de forma geral foram influenciados por pensadores como Locke, Hume, Rosseau, Rabelais, Comenius, Froebel, entre outros. (SOUZA, 1998, p. 159.). Este método, consiste em levar o aluno ao conhecimento por meio de objetos sensíveis a ele, ou seja, partir do simples, do conhecido para o complexo e desconhecido. A intuição do aluno é a mola mestra, e é instigado por meio de quadros, globo terrestre, museus, mapas anatômicos e geográficos, réplicas do corpo humano e de seus órgãos, contato com minerais e vegetais, etc. Segundo Reis Filho, “ *O princípio da intuição exige o oferecimento de dados sensíveis à observação e à*

percepção do aluno. Desenvolve-se, então, todos os processos de ilustração com objetos, animais ou suas figuras”. (REIS FILHO, 1995. p. 65).

Atento aos novos projetos de ensino em voga nos países europeus, e principalmente nos Estados Unidos, os republicanos sorveram destes “modelos a serem seguidos” e o aplicaram no Brasil.

Percebe-se a influência de tais projetos na reformulação dos métodos nas escolas primárias, onde “*o método individual cedeu espaço ao ensino simultâneo; a escola unitária foi paulatinamente, substituída pelas escolas de várias classes e vários professores, o método tradicional dá lugar ao método intuitivo[...]”.* (SOUZA, 1998, p. 29.).

A vinda dos Salesianos para o Brasil e a fundação de seus colégios, entre eles o São Joaquim em 1890, inserem-se neste contexto de reformulações educacionais e também num momento, no qual, a Igreja Católica, procurou fundar uma série de colégios por todo o país na tentativa de formar uma elite dentro dos moldes do catolicismo ultramontano ou romanizado⁷ Estas, por sua vez, deveriam reproduzirem esse discurso nas diversas repartições públicas sob seu comando, na elaboração das leis, na administração burocrática do Estado, ou seja, introduzir os dogmas da Igreja católica sobre a sociedade, utilizando-se da elite política.

A Igreja após o advento da República brasileira vai tentar uma reaproximação com as elites na tentativa de garantir sua independência e ao mesmo tempo sua influência na administração da Pátria. Para isso, assume como bandeira de luta combater as idéias que ameaçavam o Estado, como o socialismo e exigindo em troca a aceitação do embricamento ideológico-religioso nas instituições do Estado, sendo um exemplo, a educação religiosa no ensino público. O Estado por sua vez, incapaz de suprir as demandas educacionais, utiliza-se dos estabelecimentos particulares de ensino no país, de modo a transferir suas responsabilidades para com a educação, principalmente com o Ensino Secundário.

Por meio da Encíclica *Divini Illius Magistri* de 1929, nota-se muito mais do que uma simples reaproximação entre o poder espiritual e temporal. Ela nos apresenta indícios

⁷ Durante os séculos XVIII e XIX os católicos da Europa se cindiram em dois grupos: os chamados católicos regalistas, galicanos ou jansenistas, que defendiam os interesses de uma Igreja mais vinculada a sua Nação, sob certa dependência do poder civil e com um cunho de ação política marcadamente político, e os designados como católicos “romanos ou ultramontanos”, que apregoavam uma adesão incondicional ao Papa, dentro de uma Igreja de caráter universal, mas sob a orientação exclusiva da Santa Sé. (AZZI, 1983, p. 27-28).

da tentativa da Igreja em monopolizar a educação nos seus diversos níveis, apontando, essa atitude, como uma necessidade para a manutenção e ordenamento pacífico do Estado.

Por isso em relação a qualquer outra disciplina, e ensino humano, que considerado em si é patrimônio de todos, indivíduos e sociedades, a Igreja tem direito independente de usar dele, e sobretudo de julgar em que possa ser favorável ou contrário à educação cristã. (...) Quanto mais o governo temporal se coordena com o espiritual e mais o favorece e promove, tanto mais concorre para a conservação do Estado. Pois que, enquanto o superior eclesiástico procura formar um bom cristão com a autoridade e os meios espirituais, segundo o seu fim, procura ao mesmo tempo e por necessária consequência formar um bom cidadão, como ele deve ser sob o governo político. (Encíclica *Divini Illius Magistri* de 1929).

E mais adiante a Igreja se coloca como vigilante da educação ministrada em colégios públicos ou particulares, sendo um direito inalienável a defesa da moral e a religião contra os valores do mundo profano:

Além disso é direito inalienável da Igreja, e simultaneamente seu dever indispensável vigiar por toda a educação de seus filhos, os fiéis, em qualquer instituição, quer pública quer particular, não só no atinente ao ensino aí ministrado, mas em qualquer outra disciplina ou disposição, enquanto estão relacionadas com a religião e a moral. O exercício deste direito não pode considerar-se ingerência indevida, antes é preciosa providência maternal da Igreja tutelando os seus filhos contra os graves perigos de todo o veneno doutrinal e moral. (Encíclica *Divini Illius Magistri* de 1929).

A obra de Dom Bosco é um exemplo dessa aproximação entre as necessidades da Igreja Católica de se fortalecer e fazer frente ao ensino laico liberal. Percebe-se nessa pedagogia a preocupação da formação de operários dentro dos preceitos do catolicismo como uma resistência aos vícios do mundo moderno.

5. O Internato Salesiano:

O fim geral das casas da Congregação é socorrer, beneficiar o próximo, especialmente educando a mocidade nos annos mais perigosos, instruindo-a nas sciencias e nas artes, e encaminhando-a para a pratica da Religião e da virtude. (Regulamento).

A partir do século XVI, uma nova concepção sobre a infância e suas peculiaridades vai se projetando. A criança passa a ser entendida não mais como um adulto em miniatura,

dotado de todas as faculdades mentais, mas sim como um ser frágil, inconstante e vulnerável à mudanças. Deste modo, as crianças não estavam prontas para o convívio social, necessitando uma inculcação de valores e de normas sociais, ou seja, de uma educação. Assim sendo, o aluno:

é visto como um ser maleável, perigosamente influenciável pelos maus exemplos do mundo adulto; sua alma e seu espírito tem necessidade de uma instituição específica como tutor. A separação – que torna absoluta nos internatos – entre o mundo dos adultos e o das crianças e adolescentes está na base da pedagogia moderna. (PETITAT, 1997, p.90).

Para Dom Bosco, o internato⁸ era o modelo ideal de local para a execução de sua prática educativa, o “observatório”. Este, contemplava o desejo de que os alunos ficassem reclusos, sob a influência diária pedagógico-moral exclusiva dos padres e funcionários da instituição. Deste modo, os alunos estando distantes dos pais e familiares, separados dos vícios da sociedade por uma série de censuras de cartas, jornais, revistas, filmes, controlados por um rígido sistema de saídas e visitas, e pela atenção especial dos padres quanto à entrada de estranhos ao prédio, criava-se um ambiente que predisponha o jovem para o caminho da salvação de sua alma. Segundo Ponciano dos Santos (2000):

O sistema salesiano estava baseado no princípio “Dai-me Almas e ficai com o resto”. Tal sistema implicava a montagem de uma estrutura física tão completa e de um quadro de pessoal em regime de dedicação total e exclusiva que conseguissem dar uma educação em tempo integral, sem interferência alguma do exterior, inclusive da família, considerada então incapacitada de conservar a inocência de seus filhos e torna-los imunes das influências maléficas da sociedade. Uma das interferências maléficas eram as saídas e as férias. (266-267).

⁸ Dom Bosco, com a consolidação do internato, teria acesso a uma clientela menos instável e mais fácil de organizar dos Oratórios, e, ao mesmo tempo, um viveiro de onde extrairia a sua família de educadores. A criação de colégios facilitaria a expansão da Congregação e, simultaneamente, a formação das forças católicas na Europa e no mundo. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000. P. 148). Data de 1847 a aceitação do primeiro interno na chamada *casa anexa de Valdocco*, um pobre órfão de pai e mãe que só possuía três liras e não conseguiu trabalho em Turim. Seu número, todavia, passou a crescer rapidamente a partir da metade dos anos 50, quando passou a mais de oitenta internos. A pessoa de Dom Bosco, além dos recursos que conseguia da beneficência privada e pública, era o foco de atração e do sucesso de seus internatos, em que pesassem gravemente as diversas crises econômicas que feriam, às vezes, os progenitores dos seus internatos. Entre os internos, juntaram-se alguns seminaristas que, em troca de pensão, ajudavam Dom Bosco como vigilantes, assistentes e professores. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000. P. 141).

No Brasil, desde a época colonial, já existia um projeto para a criação de uma educação em regime de internato. Esta tendência, se amparava e se consolidava nas determinações do Concílio de Trento, que pretendia fazer destes internatos o germinador de almas para o sacerdócio. Ao final do século XIX, “*os internatos brasileiros eram regidos pelas mesmas normas de funcionamento dos internatos franceses da época. Numerosos mestres vinham aqui ensinar*” (PONCIANO DOS SANTOS, 2000. P. 93). Com eles vinham também manuais escolares e todo o sistema de organização interna – promoções, premiações, castigos, comportamentos, etc. – copiados e adaptados dos modelos europeus.

Essa comunidade que se formava dentro do internato, conforme nos coloca Ponciano dos Santos (2000), foi significativa, pois, dedicou-se à formação integral dos alunos pela utilização de:

1) uma organização temporal: horário, calendário escolar, férias e tempos especiais de formação (companhias religiosas) e 2) organização espacial: todo o ambiente espacial era de uso exclusivo seu. Os alunos externos não tinham acesso a ele. Os alunos internos eram separados em grupos, chamados Divisões, por idade, tamanho, seriação, etc. Cada Divisão ou turma possuía espaços próprios e exclusivos. (2000. p.207).

As casas de ensino salesianas de uma forma geral, obedeciam a um Regulamento⁹, escrito pelo próprio Dom Bosco entre os anos de 1852 e 1854, que possuía como intenção dar homogeneidade de formação pedagógica, de ação missionária, de postura moral por parte dos padres e alunos e organizar social-político e economicamente a vida interna das Casas de Ensino da mesma Congregação.

Conforme o Regulamento, para criar um ambiente salesiano de educação, era necessário um “corpo de funcionários”, no caso de padres salesianos, com funções

⁹ O objetivo do Regulamento era facilitar a consulta de cada salesiano e servir de guia autorizado para viver segundo o espírito de Dom Bosco. Neste documento estavam regulamentadas toda a prática da vida religiosa dos salesianos [...] era precedido por uma introdução denominada *Il Sistema Preventivo nella Educazione della Gioventù* como que a marcar o enfoque teórico e espiritual às partes seguintes, a saber:

- *Articoli Generali*, com dez artigos oferecendo orientações e algumas práticas gerais aos educadores;
- *Parte Prima*, ou *Regulamento Particolare*, com 195 artigos que descrevem as práticas de governo e administração para os diversos cargos e funções, e normas para o teatro e enfermaria;
- *Parte Seconda*, ou *Regolamento per lê Case de Congregazione di S. Francesco di Sales*, com 157 artigos, seguido por um Apêndice (33 artigos), sobre a maneira de escrever cartas. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000. 246-247)

preestabelecidas e hierarquicamente obedecidas. Pelas fontes estudadas foram identificados as seguintes funções:

-*Diretor*: Responsável por todo o andamento espiritual, escolar e material da Casa.

-*Prefeito*: Responsável pela vigilância da pontualidade dos professores e dos Assistentes nos diversos lugares, pela observância da higiene do estabelecimento, das roupas e dos alunos.

-*Catequista*: Cuidar para que os alunos se aproximem dos sacramentos, cuidar dos clérigos para que estes ajudem o celebrante na missa.

-*Assistentes e chefes de Dormitório*: correção dos alunos infratores por meio de ameaças, já que esta era reservada pelo Diretor e Prefeito, impedir todo tipo de conversa má, observar a ordem e o silêncio nos dormitórios, refeitórios e em outras atividades.

CAPÍTULO – I

1. As Práticas Escolares do Gymnasio São Joaquim:

Lorena deve ser grata não só aos Rvmos. Padres Salesianos pela fundação do Gymnasio donde só emanam vantagens inegaláveis, como também a muitas outras pessoas distintas e dedicadas que trabalham pela obtenção do decreto de equiparação. A uns e outros alumnos e toda a população de Lorena devem a mais sincera gratidão. (O Grêmio, 1910, nº 1, p.10).

O surgimento dos colégios humanistas dos séculos XV e XVI, criados por ordens religiosas católicas e protestantes e também pelo poder civil, como nos aponta André Petitat (1997), relaciona-se com o surgimento de um incipiente grupo social – a burguesia. Esta, tomando por modelo a Antiguidade Clássica, faz uma apropriação da produção cultural deste período, almejando assim, uma distinção social por meio da aquisição cultural.

Nestes colégios, ao contrário do que acontecia nas universidades medievais, ocorreu sistematização dos locais de estudo, das idades dos alunos e da forma de avaliá-los. Foram introduzidos:

[...] os graus, as séries, as classes, organizadas segundo a idade e o desenvolvimento dos alunos, os programas, as disciplinas escolares, os horários esquadrihados, os exames, com as conseqüentes recompensas e castigos, a pedagogia dos textos escolhidos, retirados das obras clássicas gregas e latinas, a disciplina física, a submissão à autoridade do mestre, a organização hierárquica do ensino e da administração desses novos espaços de escolarização.(BUFFA & ALMEIDA PINTO, 2007.p.152).

Segundo Petitat (1997, p.p. 89-100), a organização e a estruturação destes colégios consolidaram-se mediante uma revolução dos *espaços de ensino* – um prédio com várias salas de aula e outros espaços como refeitórios, dormitórios, secretárias com fim destinado, cada classe com seu professor e sala própria; a uma sistematização do uso do *tempo* como ferramenta disciplinadora, com horários predeterminados e rigorosamente obedecidos; na seleção e apropriação dos *conteúdos* a serem ensinados, com uma pedagogia escrita e de caráter humanista; e a uma nova estrutura de *poder* e hierarquização dos personagens envolvidos no processo educativo.

As inovações físico-temporais ocorridas no interior destes colégios, bem como a sua produção cultural, influenciaram direta ou indiretamente para o surgimento da escola que conhecemos hoje.

É bem verdade que quatro séculos se passaram e que estamos distantes da Europa, que o mundo hoje é muitíssimo diferente do que era no século XVI. Mas é igualmente verdade que a escola atual, mesmo sendo outra, conserva traços marcantes da pedagogia e da organização espacial dos colégios humanistas. (BUFFA & ALMEIDA PINTO, 2007.p.159).

1.1. O Sermão das Paredes:

Aqui, sob a direção do prorecto Ver. Sr. P. Antonio Dalla Via, mantem-se, em vasto e bello edificio, o Gymnasio S. Joaquim, o qual dá a centenas de jovens, a par de uma esmerada educação, profusa instrucção.. (Norte Paulista, nº 345 de 5/10/1913, in: O Grêmio nº6 de 1913).

Ao ler a epígrafe acima, percebemos que a arquitetura do Gymnasio S. Joaquim de alguma forma chamava atenção daqueles que passavam os olhos sobre sua fachada e seu interior, o ginásio era entendido como um *lugar*, ou seja, uma construção para um fim determinado.

Esta definição da escola como um lugar, pode ser percebida num poema escrito por um aluno do segundo ano ginásial de 1912. Neste, como centro de observação geográfica da cidade esta o prédio do ginásio, mais precisamente uma janela do mesmo. Para este aluno, tudo está em torno do ginásio, pois é deste *lugar* da cidade de Lorena que parte sua orientação cartográfica. Vejamos:

Da Minha Janella

Da minha janella desfructo diariamente um panorama encantador.

O Gymnásio está contra o norte.

De manhã o sol bate em cheio na ala direita; de tarde seus últimos raios espadejam a parte interna, inundando os porticos de luz. A janella da para a frente do estabelecimento.

Dilatando minha vista para frente, observo o singelo jardim da entrada e a parte elegante da cidade de Lorena; mais além o fundo do Valle do Parahyba, e finalmente, fechando o horisonte, os gigantescos picos da Mantiqueira.

Para a direita, a continuação da cidade, pequenina estação da Central, o Engenho de assucar e bem ao longe os primeiros contrafortes da Serra do Mar.

Para a esquerda, a parte central da cidade, campeando a bella matriz que surge n´um bosque de palmeiras.

[...]

Em poucos minutos, de minha janella viajo céos e terra, fruindo as doces aragens da brisa, sempre fagueira nesta zona encantadora. (O Grêmio, 1912, nº 8, p. 16).

Mais do que “*vasto e bello*”, o edifício com sua simetria, com seu estilo arquitetônico, com sua imponência e visibilidade, ostentava “*uma forma silenciosa de ensino*”, como Viñao Frago & Escolano (1995, p.27) nos apresenta ao citar G. Mesmim (1967, pp. 62-66). Segundo Viñao Frago & Escolano (1995):

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. (p. 26).

Deste modo, se analisarmos estes edifícios como produtos culturais de sua época, dotados de intenções políticas, pedagógicas e sociais, sua materialidade passa a ser uma importante fonte histórica a ser investigada.

O Ginásio S. Joaquim, a partir de três de março de 1890, começou a funcionar em um prédio construído para ser casa episcopal dos padres da Igreja de São Benedito, anexa à construção. Com a doação para a Congregação Salesiana, foram feitas algumas reformas e adequações para o funcionamento das aulas, e “*desde logo com bom número de alunos, padres, professores e pessoal necessário, comportando dormitório, refeitório e até um teatrinho no pavimento térreo, sendo considerado um chalet mágico*¹⁰”. (EVANGELISTA, 1991, p. 199). Esta construção pode ser verificada no primeiro plano da foto abaixo apresentada. Nota-se também, que o colégio situava-se no centro da cidade, vendo ao fundo a Matriz da cidade, à direita a praça principal Arnolfo de Azevedo e segundo a revista O Grêmio de 1922, seu terreno “*é ladeado pela E. F.C.B. (Estrada de Ferro Central do Brasil), cuja a Estação dista apenas 150 metros do estabelecimento*”.

¹⁰ Esta denominação foi encontrada em documento escrito pelo Conde Moreira Lima em 1918. Neste, é feita uma narração do contexto histórico em que foi edificada a Basílica de São Benedito e o chalé.

Figura 3

Chalet Mágico e o novo prédio do Gymnasio



(LAGES DE MAGALHÃES, 1990, p. 29).

Esta aproximação do centro urbano, da estrada férrea são elucidativas, pois nos mostram como estes apanágios do progresso - locomotiva, máquinas, luz elétrica – influenciavam a mentalidade da época e, deste modo, serviam como ferramentas ideológicas para propaganda moderna de educação oferecida pelo Ginásio. Algumas fotos encontradas nos diversos números da revista O Grêmio e outras no CEDOC do colégio, como estas duas abaixo, possuem como fundo ou em associação com o objeto da foto, a luz elétrica e a locomotiva a vapor que passava ladeando os fundos do Ginásio, o que reforça a afirmação acima e a intencionalidade do fotógrafo.

Figura 4

Campo com a locomotiva ao fundo



(O Grêmio, 1922).

Figura 5
Luminárias do jardim



(CDOC).

Uma característica marcante do final do século XIX e início do XX, é a racionalização do espaço urbano, ou seja, a adequação da cidade aos novos padrões estéticos, culturais, políticos e econômicos dos chamados países civilizados. A França era o modelo a ser seguido, seus hábitos, sua culinária, suas vestimentas, enfim, uma fase que podemos definir como a Belle Époque brasileira:

A Belle Époque se caracteriza pela expressão do grande entusiasmo advindo do triunfo da sociedade capitalista nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, momento em que se notabilizaram as conquistas materiais e tecnológicas, ampliaram-se as redes de comercialização e foram incorporada à dinâmica da economia internacional vastas áreas do globo antes isoladas. Époça marcada pela crença de que o progresso material possibilitaria equacionar tecnicamente todos os problemas da humanidade. (FOLLIS, 2004, p. 15).

Se observarmos as duas fotos de Lorena do início do século XX, abaixo apresentadas, podemos verificar que a cidade já mostrava indícios deste processo de modernização, racionalização, higienização dos espaços públicos. Importante notar nestas figuras, a quase inexistência de bancos na praça, pratica essa adotada para evitar que boêmios, prostitutas, mendigos “habitassem” o centro da cidade, ou seja, personagens que não eram aceitos pela modernidade. Observamos também a atenção dada ao ajardinamento e à estética da cidade.

Figura 6

Praça com ausência de bancos



(Arquivo pessoal Ércio Molinari)

Figura 7

Praça com poucos bancos



(Arquivo pessoal Ércio Molinari)

Monarcha (1999) assim define estas transformações ocorridas:

O pensamento médico-sanitarista associa estreitamente à aglomeração inóspita a proliferação de doenças; recomenda-se a circulação de ar e a iluminação, para vencer a insalubridade existente.

[...]

Em torno desses temas se organiza a idéia de reforma urbana, segundo o qual se concebe a cidade – tal como a sala – como um lugar de estar, lugar público. (p. 77).

Neste momento, a educação acompanhou essas transformações estético-sociais por que passava a sociedade, surgindo novas propostas pedagógicas e uma nova arquitetura escolar. Ester Buffa e Gerson de Almeida Pinto (2002, p. 32), tratando das relações entre a arquitetura e a educação neste período, apontam que “*políticos republicanos e educadores,*

no final do século XIX, passaram a defender a necessidade de espaços especialmente construídos para serem escolas. Prédios grandes, arejados e bonitos”.

A educação de qualidade teria que ser dada em um ambiente especialmente construído para este fim, e não adaptado. Teria que obedecer as prescrições de higiene e salubridade ditadas pelas autoridades competentes, possuir uma pedagogia intuitiva com seus diversos objetos lúdicos, com salas próprias e arejadas, iluminação adequada, vidros e ventilação suficiente.

Com o constante aumento do número de alunos já nos primeiros anos de funcionamento do colégio, e com as limitações espaciais impostas pelo “chalet mágico”,

O primeiro diretor do colégio, Carlos Peretto [...] iniciou a construção da parte central do colégio e da parte da ala direita, parte esta que subiu a uns 6 metros, foi coberta de zinco e serviu para umas primitivas aulas profissionais (encadernação) e (carpintaria). O edifício central (que tinha ficado só nos alicerces) e a parte da ala esquerda foram construídos em 1898 por ordem do Pe. Tomé Barele, diretor. (LAGES DE MAGALHÃES, 1990, p.19).

O novo edifício além de comportar mais que o dobro de alunos e ser um pré-requisito para a prática salesiana de educação, servia também como uma propaganda da força, da moral, da grandeza, da ordem e da qualidade da educação católica oferecida pelos salesianos.

O arquiteto responsável pelo projeto da obra foi o Irmão Domingos Delpiano (1844-1920), que fora secretário de D. Bosco. Possuindo um vasto conhecimento em arquitetura, *“deixou fama pelos belos projetos arquitetônicos por ele executado no Brasil e no Uruguai”.*(PONCIANO DOS SANTOS, 2000, p. 219). O fato de ter sido irmão salesiano, secretário de D. Bosco, arquiteto de outras casas salesianas, mostra que estava interado das necessidades espaciais impostas pela pedagogia salesiana e deste modo, seus projetos eram atentos a essas prescrições.

Em 1902, *“foram transferidos para o novo edifício a portaria, a diretoria e outros serviços administrativos, deixando-se o chalé como residência dos salesianos”.* (EVANGELISTA, 1991, p. 85). A sua fachada imponente, a observar a cidade, trouxe implicitamente uma nova dinâmica estético-educacional à vida urbana de Lorena. O

colégio passou a ser referencial de educação em todo o Vale do Paraíba, adquirindo diversas homenagens em prol do engrandecimento da Pátria e em prol da juventude.

A vós, reverendos Padres Salesianos, bem amados e queridos discípulos de D. Bosco, continuadores da sua obra fecunda, exemplos vivos de perseverança de bondade e dedicação, destemidos missionários do bem, o nosso aplauso sincero pelo muito que tendes feito pela grandeza desta pátria idolatrada.

Tenente Antônio Lisboa de Rezende
(O Grêmio, 1913, nº4 e 5, p.13).

Um outro fato interessante, nos ajuda a perceber a influência do Colégio São Joaquim e dos padres salesianos na cidade de Lorena, nesta época. Em 1901, Euclides da Cunha passa a residir em Lorena, desempenhando a função de engenheiro-chefe do 2º Distrito de Obras Públicas do Estado, o qual esta cidade pertencia. A existência do:

[...] afamado Colégio São Joaquim onde os filhos poderiam encontrar boa educação e ensino, o fizeram preferir Lorena a Guaratinguetá, sede do Distrito. Pouco após chegou a família. Os dois filhos mais velhos, levados da breca, logo no dia da chegada, destruíram a estilingue um belo quadro de D. Bosco, que ornava a parede da sala principal da nova residência. (RODRIGUES, 2002, pp. 126-127).

A existência de um quadro de D. Bosco na sala principal da residência, como um objeto de ornamentação estética, representa a grande admiração e influência dos salesianos na sociedade local.

A imponente construção do Ginásio São Joaquim, abaixo apresentada, obedeceu as regras de iluminação e ventilação suscitadas pela propaganda médico-sanitarista da época.¹¹ Podemos observar essas preocupações no tamanho e na quantidade de janelas, na presença de vidros nas mesmas, no uso de telhas e tijolos, propiciando assim uma maior salubridade dos espaços internos. A disposição pedagógica dos ambientes (figura 8 e 9), pode ser

¹¹ Tematizada a partir das perspectivas dos riscos de propagação dos surtos epidêmicos, a fiscalização da escola sob o ponto de vista higiênico figurou na legislação sanitária paulista desde a década de 90 do século XIX, quer por conta das exigências de saneamento dos locais de aglomeração, quer pelas possibilidades que oferecia de identificação precoce das doenças transmissíveis. Nesse sentido, a fiscalização da higiene escolar constituía-se em uma atribuição que cabia a todos os inspetores sanitários indistintamente, voltando-se para aspectos ligados à limpeza dos prédios, funcionamento dos banheiros, cubagem do ar nas salas de aula e identificação de casos de moléstias contagiosas. (ROCHA, 2007, p. 243).

identificada pela estrutura da arquitetura, com dois pavimentos e um hall de entrada, formando assim uma planta em H, com um pátio interno.

Figura 8
Fachada do Gymnasio São Joaquim



(CDOC).

Figura 9
Arquitetura em H do Gymnasio São Joaquim



(RODRIGUES, 2006, p. 93).

Essa fachada, que possui duas alas que avançam para a rua, formam em seu interior ajardinado, um ambiente de acolhimento daqueles que adentram o portão principal da portaria. As alas são como braços protetores que conduzem os alunos e visitantes para o interior do ginásio. As cantoneiras furando o céu, apontam para o infinito e dão um sentimento de domínio. As colunas suportando as lages salientes sobre a portaria,

simbolizam equilíbrio e harmonia. Sobre os pavilhões laterais da esquerda e direita, observamos tímpanos triangulares preenchidos por saliências circulares, que funcionam como olhos a vigiar a cidade.

A organização interna e a disposição dos diversos espaços que compõem estes edifícios, também são reveladoras enquanto ferramentas de disciplinalização.

A regra das *localizações funcionais* vai pouco a pouco, nas instituições disciplinares, codificar um espaço que a arquitetura deixava geralmente livre e pronto para vários usos. Lugares determinados se definem para satisfazerem não só à necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil. (FOUCAULT, 2000, pp. 131 e 132). (grifos do autor)

Como espaço de disciplina, a organização interna destes prédios, almejava a harmonia entre os personagens envolvidos no processo educacional. Para tanto, necessitava de *corpos dóceis*, predispostos aos conteúdos a inculcar e ao comportamento desejado, ou seja, de uma rígida distribuição das pessoas nos espaços e uma organização funcional de seus ambientes. Segundo Foucault, o “*espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos e elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa*”. (2000, p. 131).

Um dado importante a ressaltar é a presença de quadros, crucifixos, imagens, como nas fotos do refeitório (figura 13 e 14), e de salas conhecidas por nomes de santos por todas as dependências do Ginásio. Juntamente com a organização espacial do Ginásio, ou seja, posicionamento dos refeitórios, das salas de visitas, dos dormitórios, dos pátios dos alunos, das salas de estudo, dos corredores, das escadarias e dos pórticos, estes objetos possuíam como função criar e fortalecer uma “*comunidade de imaginação ou uma comunidade de sentido*”, nas palavras de Murilo de Carvalho(2003, p. 13), citando Baczkó.

Mais adiante, o mesmo autor ressalta as conseqüências da ausência desse *terreno comum* de idéias :

Inexistindo esse terreno comum , que terá suas raízes seja no imaginário preexistente, seja em aspirações coletivas em busca de um novo imaginário, a relação de significado não se estabelece e o símbolo cai no vazio, se não no ridículo. (MURILO DE CARVALHO, 2003, p. 13.).

A ornamentação destes espaços por meio de quadros de santos, crucifixos, imagens de Nossa Senhora Auxiliadora e de Dom Bosco, davam para os ambientes do internato um clima contemplativo, de respeito e de resignação. Mais do que estética, a ornamentação das paredes do internato possuíam um sentido pedagógico-religioso.

O catolicismo, além das homilias na capela e nas práticas cotidianas dos alunos, passou a ser pregado por meio da arquitetura de seu prédio, pela organização e ornamentação de seus ambientes, ou seja, pelo *sermão das paredes*.

Dentro do Ginásio essa *comunidade de sentido*, no caso a obediência aos dogmas e a conduta de vida cristã, uma vida regrada moralmente pelo trabalho, pela caridade e pela fé, a preservação da família e da honra individual e o respeito aos superiores, era alimentada por uma série palestras de cunho moral-católica, de retiros espirituais, de adoração ao santíssimo, de missa diária, de cantos e orações ao acordar, ao almoçar e ao dormir. Um exemplo esclarecedor foi a inauguração, em 1913, de uma herma de D. Bosco bem no centro do pátio do Ginásio e, devido a grandiloquência do evento, “*o pessoal creou um certo amor á escultura*”. (O Grêmio, 1913, nº 6, p. 20). Além dos ilustres convidados presentes na cerimônia, o que dava um clima da importância do acontecimento, da bênção da herma pelo bispo diocesano e dos variados discursos proferidos sobre a mesma, foi composto um Hymno ao Monumento e cantado pelos alunos na ocasião.

Hymno ao Monumento

Estrujam nos ares,
Vibrantes sonoros,
Os ledos cantares,
Dos peitos em festa.

O enlevo das almas,
O grande D. Bosco,
Cubramos de palmas,
De hosannas, de amor.

No bronse plasmada,
A effigie do heroe,
Triumphe nimbada,
De um halo de glorias.

Campeie serena
No plintho marmóreo,

Sorrindo a Lorena,
Sorrindo ao Brazil.

Module-se ao vento,
O pean solemne,
De teu monumento,
Oh! Pae dos Salesios.

E os echos da serra
Repitam aos longínquos
Recantos da terra,
Teu nome e louvor.

Teu nome, que, em brilhos,
Refulgue radioso,
Teu nome, dos filhos
A herança preclara.

Marchar, brasileira,
Gentil mocidade.
Desfralda a bandeira
Do invicto Adail.

(O Grêmio, 1913, nº 7, p. 19).

Outra forma de fortalecer esta comunidade de sentido foi a criação, a partir de 1912, das chamadas *Conferencias Annuais*. Estas, geralmente começavam a partir de março e se estendiam pelo ano, constando de temas religiosos e científicos, e executadas por meio expositivo e de *projecções luminosas*. Segundo um aluno, “*muito feliz idéia foi a do Revmo. Padre Director, em querer nos educar e instruir por uma serie de conferencias, fundamentadas com artísticas projecções lumnosas*”.(O Grêmio, 1913, nº 1, p.11).

No dia 30 de março, o Revmo. Padre Director, perante selecto auditório, inaugurou a 2ª serie de Conferencias Illustradas com projecções.

[...]

Aqui porem trascrevo, para que fiquem archivados, os principais pontos da festa.

A´s 7 hs. Da noite

Benção inaugural da Bomba Centrifuga, Dynamo e Motor, recentemente installados no Gymnasio.

A´s 7 1/2 hs. da noite

Conferencia com projecções luminosas, sendo o thema:

“A Cruz atravez dos tempos”

(O Grêmio, 1913, nº 2 e 3, p.15).

Corroborando no mesmo sentido apresentado acima, mas numa perspectiva somente religiosa, eram os Retiros Espirituais. Estes aconteciam durante três dias, geralmente a partir de junho, contando com a presença de dois religiosos, da congregação ou não, que praticavam as *instruções* e as *meditações*. Segundo Ponciano dos Santos (2000):

Nas *instruções*, tratavam-se temas relativos à observância dos Mandamentos da Lei de Deus e as práticas de piedade, como a oração, a meditação, a confissão bem feita e à comunhão ou vida eucarística. Normalmente o seu conteúdo girava em torno de três votos religiosos, adaptados à vida do cristão comum, ou seja, especialmente à pobreza e à obediência. Os alunos podiam conversar depois do almoço e jantar – era o chamado recreio moderado – e praticar alguns jogos sem movimento (normalmente bolinhas de gude).

[...]

Nas *meditações*, o pregador refletia sobre as verdades escatológicas, ou seja, a morte, o juízo, o inferno, e o paraíso. Por último, no encerramento do Retiro, falava-se da devoção à Nossa Senhora e distribuía-se as lembranças, ou seja, um santinho ou pequena estampa com a imagem de um santo, com sentenças exortativas da prática da vida cristã. (pp. 307-308).

Segundo O Grêmio de 1912:

Realizaram-se nos dias 11, 12 e 13 de Setembro, os exercícios espirituais que costumamos fazer annualmente neste Gymnasio. As instrucções e meditações nos foram feitas por dois distinctos sacerdotes salesianos. Habitados aos árduos mistres da educação, conhecedores profundos do coração da mocidade, souberam falar claramente ao nosso intimo, fazerem-se comprehender de nossas almas. Attrahindo-nos, com sua linguagem castiça, insinuante, e erudita, com a amenidade de seu estylo terso e convincente, enlevando-nos não poucas vezes com estos de nobre e ardorosa eloquência, reavivaram e consolidaram, em nossos corações os sãoos principios da moral christã. (nº 1, p. 19).

Adentrando a “*portaria do Ginásio*”, tínhamos essa visão do pátio interno e da ala lateral direita.(Figura 10) (O Grêmio, nº 1, 1914, p. 2).

Figura 10
Visão do pórtico lateral direito



(LAGES DE MAGALÃES, 1990, p.33).

No lado oposto, ala esquerda do térreo, encontrava-se as duas “*Salas de Estudo*”, uma para cada Divisão, conforme as figuras 11 e 12 abaixo¹². (O Grêmio, 1912, nº 3, p. 17).

Se passássemos pela portaria, virássemos à esquerda caminhando até a escada que conduzia aos dormitórios, virássemos novamente para à direita e aproximássemos do lado esquerdo, iríamos visualizar entre os vidros das janelas o primeiro salão de estudos (figura 11). Se continuássemos adiante, passando esta sala, encontraríamos um corredor que dava acesso para a Igreja de São Benedito, no qual todos os internos passavam de manhã para assistir missa e voltavam após a mesma. Após o corredor, começava o segundo salão de estudos, que se prolongava até o final do prédio (figura 12).

A colocação das carteiras, enfileiradas com corredores em seus lados, permitia que o Assistente de Estudo, que ficava sentado na mesa no extremo das salas, fosse até a carteira do aluno que eventualmente apresentasse alguma dúvida.

¹² Esta planta não possui data, mas pelas características do papel, pelo estilo do desenho, pela comparação da largura da sala com a das alas laterais do prédio, pelo número de janelas laterais e pela dedução foi possível afirmar que este era o posicionamento das salas e das carteiras.

Figura 11

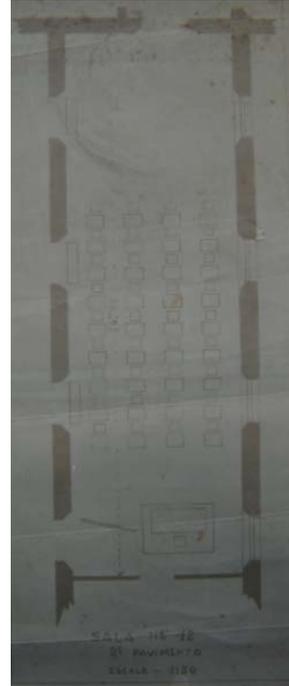
Interior de um dos Salões de Estudo



(O Grêmio, 1924, nº 2, p. 10).

Figura 12

Planta da organização interna de uma das Salas de Estudo



(CDOC).

Se pudéssemos caminhar pelo pórtico apresentado na figura 10, aproximando-se do lado direito, visualizaríamos o refeitório dos alunos internos. Este, devido ao seu tamanho, em ocasiões de festas, palestras, teatros e exibições de filmes, era usado como “*Salão de Actos*”. (O Grêmio, nº 1, 1914, p. 3). Em outro número da revista O Grêmio(1910, nº 2, p. 25), existe uma referência ao “*Salão do Cinema-Teatro*”, pois em uma extremidade do refeitório ocorria as apresentações teatrais e no outro as projeções cinematográficas. Em algumas apresentações de peças, “*o vasto teatro do estabelecimento*” ficava “*repleto de exmas. Famílias e de muitos cavalheiros da nossa sociedade, que a convite do revmo. Padre Dellla Via*”, prestigiavam o evento. (O Grêmio, 1912, nº 5 e 6).

Possuía duas repartições separadas por uma mesa central, como mostra a figura 9 na parte inferior da foto, sendo uma para os alunos da Divisão dos Maiores e outra para a dos Menores. Visualizando as figuras 13 e 14 é como se estivéssemos entrando pelo meio do refeitório e olhando para a direita (figura 13) e esquerda (figura 14). Notamos também em cada mesa, dois bancos lateralmente dispostos e uma cadeira na extremidade de fora do

corredor. Cada mesa “*comportavam 11 pessoas, sendo uma delas responsável pela colocação de cada aluno, a observância de boas maneiras e o aviso aos Assistentes dos que não estavam se alimentando bem*”. (EVANGELISTA, 1991, P. 214).

Essa disposição do refeitório facilitava o controle e a disciplina, pois o Padre Assistente de cada divisão poderia percorrer o corredor central, de modo que, todos os alunos o enxergassem e ouvissem as palavras ou as leituras de pequenos textos sacros antes do almoço, e este ao mesmo tempo uma visão do conjunto do refeitório.

Conforme Ponciano dos Santos (2000), em seu trabalho sobre a cultura escolar dos internatos salesianos, o comportamento dos alunos à mesa era regado por um sistema de códigos:

Enquanto os alunos ouviam silenciosamente a leitura, a comunicação, entre eles e entre os serventes, era feita através de um código de sinais com os dedos das mãos: 0 = mistura (carne, ovo); polegar levantado = sopa; dois dedos (polegar e médio) = feijão; os três dedos centrais = arroz; quatro dedos (com o polegar voltado para dentro da mão) = água; cinco dedos = farinha; o dedo mínimo ou o mindinho levantado = palito. Esse código era usado em todos os internatos salesianos do país. (P. 287).

Após a leitura ao sinal do Assistente era autorizada a conversa entre os alunos.

Em uma das extremidades do refeitório (figura 14), que em dias de apresentação tinha suas mesas retiradas ficando só as cadeiras enfileiradas, existia um palco, como também nos atesta este fato pitoresco sobre a participação do filho de Euclides da Cunha, em um teatrinho do ginásio:

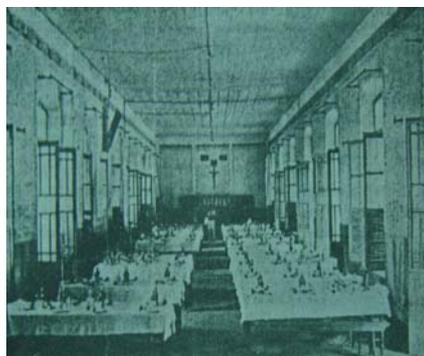
Certa vez [...], em que o menino, representando de anjo, aparecia numa cena suspenso de grosso arame, para coroar um mártir, os fogos de artifício que deviam completar a apoteose, falharam e só a fumarada de enxofre se levantou, engasgando e quase sufocando o menino, que, suspenso do arame, entrou a tossir, chorar e gritar. Da platéia partiu um grito agudo – “Meu Clidinho!” – e célere a mãe atravessa as *filas de cadeiras, sobe ao palco* e arranca o filho do arame fatídico, encerrando assim, ingloriamente, sua carreira artística. (RODRIGUES, 2002, p. 130). (Grifos meus).

Figura 13
Refeitório do Gymnasio



(CDOC).

Figura 14
Refeitório Gymnasio com palco ao fundo



(EVANGELISTA, 1991, p. 214).

Do lado oposto à entrada do Ginásio, como mostra a figura 15, temos uma visão completa do pátio interno e de suas alas laterais agindo como braços a proteger os internos. Na parte superior do prédio central, observamos um tímpano triangular preenchido por uma esfera oca, que gerava o efeito de olhos a vigiar o espaço interno do colégio.

Figura 15
Pátio interno Gymnasio São Joaquim



(EVANGELISTA, 1991, p.124).

Passando pela portaria, do lado esquerdo ou direito (não foi possível identificar), existiam as chamadas Sala de Visita e a “Sala Nobre do Gymnasio”. (O Grêmio, 1911, p.13). Estes espaços funcionavam como “zonas de transição”, e constituíam para os alunos internos “o nexa com o exterior”. (VIÑAO FRAGO & ESCOLANO, 1998, p. 98). Assim, estes espaços também eram o nexa com o interior do ginásio, por parte de pessoas estranhas ao mesmo. A disposição destas salas, próximo a entrada do colégio, era uma forma de limitar o avanço das visitas pelo ambiente interno do ginásio.

Por ser este local de encontro, nota-se nas figuras 16 e 17, uma grande preocupação em oferecer conforto e bem estar aos pais de alunos e visitas ilustres. As salas funcionavam como propagandas aos olhos visitantes, sua arrumação, seus objetos de decoração, os quadros nas paredes indicando os benfeitores da obra, tudo isso gerava credibilidade ao estabelecimento. Os quadros dos Bacharéis formados anteriormente pelo ginásio eram propositalmente distribuídos em local visível, o que gerava um clima de expectativa e admiração por parte dos pais dos alunos visitados.

Observando a figura 16, em primeiro plano estava a “Sala Nobre” e passando pela porta entraríamos na a Sala de Visita dos alunos. A disposição das cadeiras nos mostram que os visitantes ficavam de frente para os visitados, ou seja, criava-se um certo formalismo durante as visitas.

Figura 16

Sala de Visitas do Gymnasio



(O Grêmio, 1922, nº 1, p. 3).

Figura 17

Sala Nobre do Gymnasio



(O Grêmio, 1922, nº 1, p. 3).

Um fato interessante, ocorrido em algumas visitas de Euclides da Cunha a seus filhos no internato, entre os anos de 1902 a 1905, mostra que existiam quebras do regulamento por parte de alguns pais de alunos, como atesta o documento abaixo:

Para os visitar no Colégio (os filhos) não tinha hora, nem dia, nem obedecia qualquer regulamento ou praxe. Chegava, ia entrando, procurava um dos filhos, onde quer que estivesse, com ele seguia, isolava-se, em geral indo sentar-se no chão `a margem do ribeirão, que passa ao fundo do recreio, e conversava. Outras vezes passava pelos dormitórios, desfazia a cama de um dos filhos, e partia... E coisa singular nunca visitava os dois filhos conjuntamente; cada visita era destinada a um deles [...]. (RODRIGUES, 2002, p.129).

Se viéssemos da portaria do ginásio, percorrêsemos pelo meio destas árvores da figura 11, descêssemos atravessando o campo, no qual acontecia uma “*partida de Bola Americana*” e olhássemos para trás, teríamos esta visão panorâmica do ginásio (figura 18). Nela vemos no extremo direita a Igreja São Benedito anexa do ginásio, local no qual eram assistidas as missas pelos alunos; um pouco para a esquerda o “Chalet Mágico” que depois passou a funcionar como sede do Grêmio do ginásio, como dormitório de visitas e como salas de aula:

Figura 18

Vista panorâmica do Gymnasio



(O Grêmio, 1912, nº7, p.12).

Neste “*campo escolar*”, definido por Giner de Los Rios (1933), o pátio era “*não apenas um jardim ou um horto*” mas sim um lugar “*tão importante, pelo menos, como a*

própria sala de aula, e cuja a necessidade é, ao mesmo tempo, higiênica e pedagógica” . (VIÑAO FRAGO & ESCOLANO, 1998, p. 89). No pátio, de forma funcional, eram distribuídos os locais para exercícios físicos, “jogos, praticas de jardinagem e agricultura, diversão ou recreio, zonas de transição, proteção e acesso [...]”.(VIÑAO FRAGO & ESCOLANO, 1998, p. 90).

Exponho abaixo alguns exemplos do uso polivalente do pátio pelos padres e alunos do ginásio, ora funcionando como salão de festas, audiências públicas, apresentações militares e local de procissão:

Como Salão de Festas:

Os vastos pórticos do Gymnasio estavam transformados num bello salão, fartamente adornado de bandeiras, galhardetes e folhagem. No fundo erguia-se a archibancada para os cantores e o palco para os oradores, garridamente enfeitado. No alto do palco, entre flores e bandeirinhas nacionaes, o retrato do illustre festejado. Ao lado o coreto da banda. (O Grêmio, 1911, nº 4, p. 15).

Como local de procissão:

Ás 8 horas realizou-se a solemne procissão sendo carregado a imagem de S. Luiz pelos pateos do Gymnasio ate a igreja de S. Benedicto. [...] Em seguida hove benção solemne do Santíssimo Sacramento e logo apoz, sendo trazida novamente a imagem de S. Luiz para a sua Capella. (O Grêmio, 1914, nº 4, p.9).

Como local de estudo:

No pateo só se vêem meninos com livros; uns, em maioria estudando, outros fingindo, e no entanto os exames estão cada vez mais proximos. (O Grêmio, 1914, nº 4, p.8).

Como local de apresentações circences:

Por aqui passou o jovem oriental Marcello Cáceres, exhibindo sua hercúleo força. [...] No nosso .pateo elle andou 8000 metros em 30 minutos, jogou de peteca com um barril cheio de agua; de uma grossa barra de ferro fez, com os dentes, um aro; transpassou, de um só golpe, com a mão desarmada, uma taboa de uma pollegada de grossura; levantou com os dentes um rapaz de 50 ks. Sentado numa cadeira; suportou sobre o peito uma bigorna120 kilos, mandando cortar em cima

uma barra de ferro de 8 linhas, com um malho de 7 kilos. (O Grêmio, 1913, nº 6, p.13).

Como local de briga:

Travou-se combate muscular entre duas forças, junto ao caixote de lixo. Pe. Secretario intervem.

Resultado: ingresso secretaria ambas forças. (O Grêmio, 1914, nº 6, p17).

Como local de atividades esportivas:

Box, jiu-jitsu, etc. e tal, e outros gêneros do esport, grosso e fino, improvisado ou não, ... Inaugurou-se uma escola pratica no Gymnasio, ficando o stand, proximo ao vigoroso brazil (árvore) do pateo dos Maiores. (O Grêmio, 1913, nº 4 e 5, p.16).

Como pista de ciclismo:

O pessoal nestes dois mezes [...] teve a mania de bicycletas. Muitos aprendizes e por consequência muitos tombos e encontros por todos os lados. (O Grêmio, 1913, nº 8 e 9, p.19).

Como local para se espantar o frio:

Em junho predominou no Gymnasio o jogo de peteca, barra bandeira e o frontão.

Esta claro... o frio calava!... Não houve mais bicycletas, por que o frio dispensa refrescos. (O Grêmio, 1913, nº 8 e 9, p.19).

Como Local para incineração do Judas na Semana Santa:

Sabado ás 12 horas houve incineração dos Judas nos pateos do Gymnasio; um da divisão dos maiores e outro dos menores. (O Grêmio, 1914, nº 2, p.11).

Como local de homenagens e de levantamento de mastros:

O Revmo. Pe. João Renudin foi recebido no pateo no meio de vivas, palmas e cumprimentos dos seus alunos. [...] A´s 13 horas realizou-se o levantamento do mastro de S. Luiz e [...] A´s 16 horas procedeu-se o levantamento do mastro de Sto. Antonio[...].(O Grêmio, 1914nº 4, pp. 8 e 9).

Nele, se distribuían as Divisões, as Companhias ou Associações de alunos, maiores e menores, para as brincadeiras no recreio ou em outras atividades propostas pelos

Superiores. Esta separação dos alunos no pátio e a existência do campo e do pátio dos maiores e dos menores, pode ser confirmada nesta notícia:

Durante a recreação da merenda, serenou laranjas no pateo dos menores, (a qual é bom que diga, não estavam muito doces).

Na mesma recreação exibiu-se um dos nossos optimos cyclistas, dando um belo salto em bicycletta do alto de uma escada de 1 metro de altura, a qual liga o campo de football dos menores ao dos maiores. (O Grêmio, 1914, nº 3, p. 18).

Cada Companhia:

[...] tinha sua finalidade e seus objetivos particulares, sempre respondendo a uma matriz espiritual e organizativa. Desta forma, o associacionismo é apresentado como exigência indispensável no estilo de prevenção educativa querido por Dom Bosco [...].

[...]

As Associações juvenis apresentam, no Sistema Preventivo, várias características de tipo pedagógico, ou seja, são associações de “educandos” ou associações de juvenis “para a educação”.

- a) Pressupõe uma clara liberdade de participação;
- b) Percebem-se como autenticamente juvenis, ou seja, realizadas pelos jovens;
- c) Tem um escopo educativo preciso;
- d) Enfatizam a sensibilidade do serviço aos outros, sobretudo aos companheiros educandos. (DAMAS, 2004, pp. 99-100).

Estas Companhias além de pedagógicas, respondiam às necessidades de controle e disciplina de um grande número de alunos, por um único Assistente. Estas, eram mantidas por um complexo sistema de emulação e auxiliavam a manutenção da ordem no estabelecimento. Elas podiam “*ser consideradas como uma instituição auxiliar básica da Direção para promover a perfeita realização das práticas de piedade e, no mesmo tempo, da organização disciplinar do ambiente estudantil [...]*”. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000, p.302.).

Em 1912, existia no Gymnasio duas Companhias. A de São Luis Gonzaga, que “*tinha por fim fugir dos maus companheiros, evitar as más conversas, usar de caridade para com os companheiros, zelar pela ordem na igreja, diligencia no trabalho e no cumprimento dos deveres, prestando exata obediência aos pais e superiores*”. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000, P. 300.); e a Companhia São José, “*que procuravam*

combater os indiferentes, os desleixados, os desmazelados, os desobedientes às normas regulamentares, os exagerados nas práticas de piedade, os omissos, etc. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000, P. 301.). Em 1914, foi fundada a Companhia do Santíssimo Sacramento, “destinada à Divisão dos Maiores, com o fim de estimular à freqüência aos Sacramentos e o culto à Eucaristia. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000, P. 301.).

Existia também em 1912, um Club dos Externos com as respectivas Divisões dos Maiores e Menores. Sua existência se dá pela necessidade de evitar ao máximo a socialização dos externos – o que vem de fora – com os internos, já que os externos não podiam fazer parte das Companhias de São Luis, São José e Santíssimo Sacramento. O documento abaixo, ilustra o momento em que um aluno passa do internato para o externato e seu cargo é preenchido por outro aluno:

Á noite deste dia, reuniram-se em uma das salas do Gymnasios sócios do Sport Club S. José, para proceder à eleição dos membros da Directoria para o exercício do corrente ano de 1911.

Foram eleitos os seguintes sócios: Snrs. Mucio Passos, presidente; Alfredo Martins, secretario; Getúlio Coelho, Thezoureiro; Renato Granadeiro, Capitain.

Tendo passado para o externato, o Snr. Getúlio Coelho, foi nomeado seu substituto, até a nova eleição, o Snr. Eduardo Maia. (O Grêmio, 1911, nº 4 e 5, p.20).

Nota-se também no documento acima, que cada Companhia possuía seu *Club Sportivo*, e um sistemas de cargos, presidente, secretário, tesoureiro e capitão, que eram preenchidos por votação dos sócios, anualmente realizada. Cada Companhia possuía um Padre responsável pelo andamento das atividades do grupo, como promoção de jogos, competições, conferências cívicas, entre outras.

Se voltarmos à figura 18, veremos os dormitórios nas partes superiores das alas laterais e do prédio central. Chegavam-se a eles subindo por uma das duas escadarias laterais existentes nas extremidades do corpo central. O que tudo indica, é que uma era destinada para subida e descida dos dormitório dos maiores, e a outra para o dos menores. A figura 19, mostra um dos dormitórios, “conhecidos por nomes de santos”, do Ginásio na época estudada.(SANTOS FILHO, 1991, P. 3):

Figura 19
Dormitório do Gymnasio



(EVANGELISTA, 1991, p. 215.).

Verificamos na disposição das camas que todas possuem os pés voltados para o corredor e uma certa distância uma das outras. As duas fileiras que estão do lado direito intercalam-se, ou seja, exatamente nos vãos existentes entre as camas da 2ª fileira é que se alinhava os pés das camas da 3ª fileira. Esta arrumação agilizava e otimizava a locomoção do “Assistente de Dormitório [...] que dava o sinal” para os alunos levantarem e dormirem, para a observação da ordem, da disciplina e a circulação dos próprios alunos pelo interior do dormitório. (O Grêmio, 1911, nº 6, p. 20). Os superiores “tinham seus quartos bem próximos dos dormitórios dos alunos e os Assistentes tinham sua cela em um dos cantos do dormitório comum destes. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000, p.253).

Nos internatos salesianos era comum a prática do *Boa Noite*, antes da ordem para dormir aos alunos. Geralmente ele era executado ao final de alguma atividade do fim do dia, “terminou esta simpática festa com o acostumado Boa-Noite” ou no próprio dormitório. (O Grêmio, 1914, nº 4, p.8). O Boa-Noite consistia de algumas palavras ou pequenas leituras religiosas para o conforto da alma, para melhor conduta de vida e prática da caridade, fazendo com que os internos dormissem refletindo sobre a mensagem. Mas nem sempre o sossego reinava, pois, “no dormitório dos crillas, correu uma voz, no meio do mez, que um delles vira o chifrúdo rabúdo á meia noite. (O Grêmio, 1913, nº 8 e 9, p.20). Comparando a foto do dormitório, com um relato feito por um aluno interno durante

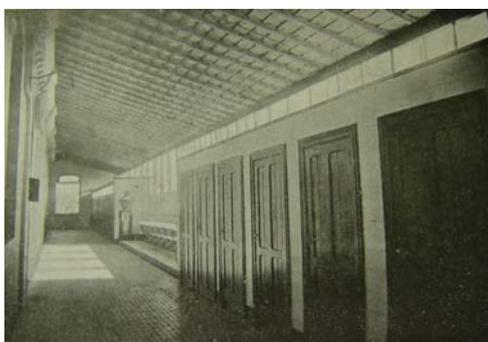
os anos de 1924 – 1928, é possível visualizarmos parcialmente como o mesmo era utilizado:

Os alunos de cada divisão dormiam em camas de ferro alinhadas em grandes salões dormitórios conhecidos por nomes de santos. O nosso era São Luis. Ao lado de cada cama havia um armário onde se guardava a roupa e demais pertences. Objetos de valia eram trancados em uma pequena maleta de couro, fechada à chave e marcada, por fora, em tinta preta, com o número do aluno. (SANTOS FILHO, 1991, p.3).

Se estivéssemos dentro deste dormitório (figura 19), seguíssimos pelo corredor e atravessássemos a porta que esta ao fundo do mesmo, entraríamos no banheiro da divisão a qual pertencia o quarto. (figura 20). José Fausone, diretor do colégio durante os anos de 1902 a 1903, “*melhorou as condições materiais do Colégio, construindo novas salas de aula, salas de visita, os anexos sanitários dos dormitórios e outras obras pequenas*”. (EVANGELISTA, 1991, p.85).

Figura 20

Banheiro de um dos dormitórios do Gymnasio



(O Grêmio, 1922).

Se compararmos esta imagem, com outro trecho da memória acima citada, é possível ter uma noção de como o banheiro era utilizado pelos alunos:

Os dormitórios ocupavam o segundo andar [...]. Ao fundo de cada um deles havia uma espécie de “hall” [...], e ali se alinhavam [...] cerca de seis banheiros(chuveiros), seis mictórios com vasos um pouco acima do nível do chão, todos com portas sem trincos, e uma longa pia onde se

enfileiravam, a pequenos intervalos, umas dez torneiras. Formavam-se filas de alunos para o uso, tanto dos chuveiros, como dos mictórios e das pias. Não havia água quente e nos meses de inverno era um suplício o banho gelado, não obrigatório, pela manhã. (SANTOS FILHO, 1991, pp. 3-4)

Importante ressaltar a preocupação com a moral – portas sem trincos – o que teoricamente limitava a leitura de revistas proibidas, masturbação no seu interior, e a disciplina - com as filas de alunos. Após o banho “*os internos enrolavam-se na toalha para trocar de roupa*”, pois “*toda cena de nudez era repelida e desestimulada [...]*”. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000, p. 280).

Notamos também a preocupação com a higiene e a salubridade com o grande número de janelas e vidros nas mesmas. Ao que parece, conforme notícia do O Grêmio, existia um problema de abastecimento de água no banheiro:

O Gymnasio não augmenta só em numero de alumnos. Outros progressos dia a dia apparecem. O problema da água esta resolvido para sempre. Banheiras e ...(?) novinhas, bem ladrilhadas, bem commodas. Esse primor de hygiene e de architectura devemos ao Rvmo. Pe. Phellippe, a quem Deus nos conserve por muito tempo. (O Grêmio, 1913, nº 4 e 5 e 9, p.16).

Por meio da comparação e interpretação de duas fontes escritas, abaixo apresentadas, é possível afirmar a existência de outras salas, no qual funcionavam os Laboratórios, Aulas e Gabinetes. Sabemos que a primeira ala a ficar pronta foi a da “*direita, parte esta que subiu a uns 6 metros [...]*”, tomando como referencial o posicionamento de estarmos no centro do pátio e de costas para a portaria. (LAGES DE MAGALHÃES, 1990, p.19). A parte central e a ala da esquerda passam a ser construídas em 1898 e, em 1902, já estão concluídas com “*suas aulas, dormitórios, laboratórios, estudos e gabinetes*”. (RODRIGUES, 2006, p. 95).

Não é possível afirmar o posicionamento das mesmas no corpo do edifício, mas temos algumas fotos que permitem uma noção dos materiais didáticos - globo terrestre, mapas anatômicos, replica do corpo humano, armário com pedras minerais, amostras de vegetais secos em quadros, equipamentos para experiências físicas e químicas dos equipamentos, da disposição espacial das mesas, cadeiras no interior destas salas,

elementos que comprovam a existência do método intuitivo, peça fundamental da educação moderna em voga naquele momento.

Abaixo temos na figura 21 e 22, o Gabinete de História Natural em duas angulações; a figura 23, o Gabinete de Física e Química; e a figura 24, o Laboratório de Química.

Figura 21

Gabinete de História Natural



(O Grêmio, 1922)

Figura 22

Gabinete de História Natural



(O Grêmio, 1922)

Figura 23

Gabinete de Física e Química



(O Grêmio, 1922)

Figura 24

Laboratório de Química



(O Grêmio, 1922)

Outros ambientes foram identificados como o “*refeitório dos padres ou refeitório dos superiores*” (*O Grêmio, 1911, nº 4 e 5, pp. 13 a 15*); este deveria ocupar um ambiente mais reservado do prédio, já que seu acesso era limitado e diferenciado, como o próprio nome indica; a “*secretaria do Gimnasio*” (*O Grêmio, 1913, nº 4 e 5, p. 15*); esta sala como a sala a diretoria situavam-se em locais próximos dos alunos, ou seja, pontos

estratégicos para a observação do Diretor para os alunos e destes para aquele. Provavelmente estas salas localizavam-se junto à portaria, pois a visão do “campo escolar” era privilegiada. Outro fator que reforça a afirmação, é que segundo a pedagogia salesiana, o Diretor é pai, tendo que estar próximo dos alunos, passando-lhes confiança e afeto; a “*Capela de S. Luiz*”, local que não foi possível identificar, mas no qual eram “*celebradas duas missas [...] conforme o costume dos dias santos*”.¹³ (*O Grêmio, 1914, nº 4, pp. 9 e 10*); as salas de aulas, e a Sala de Armas, das quais trataremos mais adiante, em capítulos específicos.

¹³ Os dias santos de guarda no Brasil eram: Circuncisão do Senhor, em 1 o de janeiro; Epifania, em 6 de janeiro, Corpo de Deus, 11 dias depois de Pentecostes; São Pedro e São Paulo, em 29 de junho; Assunção de Nossa Senhora, em 15 de agosto; Todos os Santos, em 1 o de novembro; Nossa Senhora da Conceição, em 8 de dezembro; Natal, em 25 de dezembro. (HIGINO, 2006, p. 41).

CAPÍTULO – II

2. O Soar dos Sinos:

Sinos

*Cadê os sinos?
Os sinos da Catedral
antiga Matriz do Monsenhor Arthur de Moura...*

*Sinos que repicavam as alegrias
das missas festivas das manhãs de domingo
as notas azuis, brincando no ar,
pulando de contentes,
misturando-se com o céu,
contando a todos na sua voz insistente
os grandes dias da Lorena do Passado...*

*E os sinos choravam nas dobradas tristes
da Semana Santa e dos Finados,
suas notas graves, atravessando o verde-escuro
das palmeiras,
Traçando no céu uma cruz...*

*Os sinos eram a voz dos anjos
trombeteando a fé
convidando os homens a olhar pro céu
e a rezar...*

*Agora, se tocam, é apressadamente
e sem alma.
E ninguém os ouve...*

*Sua voz é abafada pelos ruídos
dos carros, trens e caminhões,
buzinas e apitos,
sons agitados e frenéticos
que sacodem a alma
e a salpicam de óleo, fumaça e pó.*

*E a arrastam
pra ficar de rastro
olhando pro chão...*
(Maria Luíza Reis Pereira Batista).

Um fator imprescindível para o convívio harmônico e disciplinado no interior destes colégios, era o controle e uso dos tempos escolares, pois assim “*estabelecidos (os tempos escolares), a prática pedagógica se firma e os processos são desenvolvidos, atuando assim como um dos elementos que constituem a cultura escolar*”. (ARCO-VERDE, 2003, p. 41).

A noção da diferenciação biológica e social entre o adulto e o adolescente, foi de fundamental importância para que os protestantes e jesuítas, do século XVI, criassem um lugar específico para a formação daquele que não estava pronto para o convívio social, o adolescente e a criança. Deste modo, as idades dos jovens passam a ser determinantes no processo de inserção em instituições de ensino, pois passa a existir um momento da vida, dos sete aos 18 anos em média, em que o jovem está apto a receber os ensinamentos para a formação do bom cidadão. Após, ou antes, destas idades, o processo de inculcação de valores sociais tornava-se mais difícil ou quase que impossível.

Por meio desta primeira apresentação, podemos entender um dos pré-requisitos para a matrícula no Ginásio São Joaquim, “*possuir mais de 8 e menos de 14 anos de idade*”. (BOLETIM SALESIANO, 1907, nº 9, p. 1). Mas eram aceitos também, os que fossem “[...] *de família honesta, com mais de 16 e menos de 30 anos de idade. Os maiores de 30 anos seriam aceitos desde que tivessem feitos os estudos [...]*”. (EVANGELISTA, 1991, p. 83).

Para a organização destes ambientes de formação, foi necessário transformar o *tempo cíclico*, litúrgico, ligado a fenômenos naturais e biológicos, em um *tempo linear*, racional, relacionado aos anseios sociais de seu tempo. Essas transformações na concepção do tempo, possuem sua gênese na Idade Média, com a racionalização e laicização da cultura por parte dos mercadores. A partir daí:

[...] o quadro em que se desenrolava a vida já não era pintado com as cores da religião. Os ritmos da existência não obedeciam a Igreja. Medir o tempo tornava-se uma necessidade para o mercador enquanto a Igreja, atenta à eternidade, se revelava inábil nesse campo. (LE GOFF, 1989, p. 81).

O instrumento responsável por essa racionalização do tempo foi o relógio. Este, conseguiu dar uma padronização ao tempo, retirando as oscilações advindas pelas

determinações eclesiásticas, naturais e sociais. Assim, o tempo – agora ditado pela monotonia regular do relógio - humanizou-se, passando a ser um norteador das práticas sociais e institucionais, sendo a escola um exemplo.

A pedagogia rege uma parte da vida dos indivíduos confiados às instituições. Dentro das paredes da escola, o aluno se vê regulamentado por uma nova temporalidade, ignorada no ambiente familiar ou na rua. A, para ele, estranha disposição dos horários, das classes e dos graus está contudo vinculada a um profundo movimento de transformação das noções de tempo.

[...]

[...] a apropriação do tempo por parte dos pedagogos, o controle físico dos alunos e dos espaços – com vistas a obter certos resultados morais e culturais nas novas gerações – significam ao mesmo tempo expropriação do tempo e do movimento dos alunos. O colégio é certamente um dos melhores exemplos de regulamentação social do tempo, nesta época. Dias, semanas e anos são inscritos em grades e horários. (PETITAT, 1997, pp. 91-92).

Sendo assim, toda uma arquitetura do tempo vai tacitamente se configurando conforme as necessidades pedagógicas e seus fins. Surgem os calendários acadêmicos de início e fim do ano letivo, semestre, trimestre, com as datas das provas, com o início e fim das férias, da duração das aulas, dos recreios, das festas a se realizarem, do tempo para se fazer uma prova, para dormir, para permanecer nos refeitórios, para as visitas de pais nos internatos, para a entrada no colégio, entre outras.

O “*anno lectivo*” tinha início “*no primeiro dia útil de Março*” e estendia-se “*até 1º de Dezembro; 9 meses*”. *O Grêmio, 1910, nº 1, p.24*). As férias eram de três meses, e duravam de dezembro a março.

Pelo o Estatuto do Gymnasio S. Joaquim de 1907, é possível notar a institucionalização dos tempos escolares, de modo a organizar as datas de pagamentos, os dias e as horas das visitas, as quantidades de saídas permitidas ao longo do ano, ou seja, a administração escolar. Vejamos:

INTERNOS

[...] A pensão annual para os alumnos do Curso Gymnasial é de 600\$000, para os do Preliminar é de 4000\$000. Ambas devem ser pagas adeantadamente em duas prestações de no acto da matricula e outra metade no dia 1º de Julho.

[...]

EXTERNOS

[...] A pensão annual dos alumnos externos, que quizerem frequentar o curso gymnasial, será de 130\$000, sendo 50\$000 pagos no dia da

entrada, em Março; 40\$000 em 1º de Junho; 40\$000 em 1º de Setembro. Os pagamentos serão feitos adeantadamente.

[...]

Ao alumnos poderão receber visitas dos Paes, parentes ou tutores as quintas-feiras, domingos, dias santos ou feriados, das 11 às 3 da tarde; exceto os casos de punição moral, a juízo dos Superiores, quando os alunos tinham tido procedimento deficiente.

As pessoas que não residirem na cidade podem vel-os em qualquer dia; é preferível porem que escolham o momento da recreação.

Três vezes por anno permite-se a sahida do Estabelecimento aos alunos de bom procedimento.(BOLETIM SALESIANO, 1907, nº 9, p.1)

Esta estipulação de atividades a serem desenvolvidas sobre uma quantidade de tempo, é a materialização do tempo escolar, que serve tanto para a organização da instituição escolar como para o controle e ordenamento de seus personagens.

Para os Salesianos, entre eles os Padres do São Joaquim, o tempo era utilizado como uma ferramenta para predispor os alunos à evangelização, aos estudos e para as atividades recreativas. A duração das atividades, como os estudos, as aulas, os recreios, o almoço e o descanso, eram cuidadosamente estipuladas para que não houvessem desgastes físicos e perda de rendimento dos alunos e dos Padres, durante o cotidiano escolar do internato.

Segundo a pedagogia salesiana, a disciplina dos alunos teria que ser alcançada expondo-se claramente a eles, as normas e estatutos da instituição, depois vigiá-los para que não descumprissem as regras, ou seja, a preventividade. Por meio do *Leitura Regulamento*, no início do ano, é que os educandos entravam em contato com essas normas disciplinares. Nele se estipulavam os horários, os dias de visitas e saídas, os deveres e obrigações dos alunos, as regras de posturas no dormitório, no refeitório, na Igreja, o respeito com os superiores, etc. Segundo Ponciano dos Santos (2000):

Os regulamentos procuravam definir o padrão ou os paradgimas práticos de aluno, de comportamento moral, de cortesia, de aplicação nos estudos e nas aulas, de práticas de higiene e asseio e de procedimentos ou atitudes a serem vividas nos diversos setores da vida do internato [...]. (p. 253).

Por meio do documento abaixo, podemos verificar como era feita a leitura do regulamento do Ginásio S. Joaquim. Podemos notar que estas, algumas vezes, para maior notabilidade e prestígio, se realizavam no cinema da cidade com declamações e projeções de filmes, contando com a presença, *a convite do Director*, de pessoas ilustres da região e pela *imprensa local*. (*O Grêmio, 1912, nº 5 e 6, p.9*). Estas pessoas ilustres

davam credibilidade ao evento, e a imprensa, por meio dos jornais, divulgava toda a imponência do ato. Outro fato relevante, é a leitura do regulamento e a prática de um discurso feitas por alunos do ginásio, o que incitava a emulação. Vejamos:

Secção do dia 20 de Março
(Leitura do Regulamento)

Consante a praxe das casa salesianas, realizou-se a 20 do vigente a significativa cerimonia da leitura do regulamento dete Gymnasio.

Para maior realce deste acto a digna Directoria resolveu faze-lo conjuntamente a uma pequena sessão literaria cinematographica.

A's 7 horas da noite, reuniram-se todos os alunos no vasto salão do Cinema Guarany, estando presente também o corpo docente, algumas pessoas gradas da cidade e os representantes da imprensa local.

O Revmo. Padre Director abriu a sessão expondo o fim todo especial e sympathico de tal reunião e em seguida proferiu um belíssimo e suculento discurso.

Disse s. revma que toda agremiação tem seu codigo, pela qual se rege e governa. Demonstrou que n'uma casa de educação é de absoluta necessidade a regra, vinculo da ordem, garantia do progresso, condição imprescindível para a conquista de nossos alevantados ideaes.

[...]

Fala da origem do regulamento das casas salesianas, analysa-lhe o espirito.

[...]

Applausos sinceros e cordiaes cubriram as ultimas palavras do illustre orador

Acto continuo, o quinto annista Domingos Lourenço, faz a leitura d'alguns topicos do regulamento – objectivo daquela reunião – e que é ouvido com religioso silencio.

Fala em seguida em nome dos educandos, o talentoso quinto annista, Renato Granadeiro, traçando um eloqüente paralelo entre as antigas legislações de Lycurgo e Sólon e a que entre nos vige. Põe em realce a severidade, a rudezza d'aquelas e a benignidade que caracteriza esta.

[...]

Encerrou-se emfim a sessão com a exhibição de films cinematográficos.

D'aquelles instantes de jubilo ficou-nos n'alma saudosa lembrança. (O Grêmio, 1911, nº 3 p, 2).

O trecho abaixo nos dá a noção de como era um dia normal no cotidiano do ginásio. Podemos notar como o tempo era dividido e como as atividades eram distribuídas sobre o mesmo.

[...] às 5 horas da manhã tocava o sino para todos os alunos despertarem e efetuarem a higiene pessoal. Sempre em silêncio,

despiam a camisola e tomavam (ou não, pois era facultativo) o banho de chuveiro, vestiam-se e desciam em fila dupla acompanhados dos clérigos assistentes. Estes e os padres levantavam-se meia hora antes. Dirigiam-se todos para a igreja do colégio, de São Benedito, onde assistiam à missa, ouviam o sermão pronunciado pelo padre catequista e tomavam a comunhão em fila, banco por banco. Havia sempre um padre em um dos confessionários para as confissões. Algumas orações eram rezadas em voz alta, em conjunto, havendo períodos de silêncio, para a meditação. Numa dessas ocasiões de completo silêncio, um dos alunos da Divisão dos Médios não conseguiu se controlar e pela igreja ressoou uma sonora ventosidade anal, um retumbante e prolongado pum! O respeito pela disciplina era tamanho que não se ouviu um pio. Apenas o culpado se revelou pela vermelhidão do rosto e pelo sorriso desenxabido. Os comentários jocosos ficaram para hora do recreio.

Às 7 horas era servido, no refeitório, o café da manhã, com leite e pão sem manteiga. Esta era adquirida na despensa. Aliás, nessa despensa comprávamos, além de manteiga, doces, açúcar, rapadura, laranjas, bananas, caquis, abacates, papel de carta, envelopes, selos de correio (duzentos réis), pasta de dentes, chuteiras (25\$000 o par), polainas para o uniforme, sabonetes, etc. Meia hora para o café e quinze minutos para o recreio. Às 8 horas eram os alunos encaminhados às grandes salas de estudo, uma para cada divisão. As lições e o estudo das matérias eram realizados até 11 horas, reinando sempre o maior silêncio. O clérigo assistente (ou um funcionário) presidia e ouvia as reclamações, os pedidos de esclarecimento da lição da véspera, e as solicitações para ir 'lá fora', geralmente atendidas. (SANTOS FILHO, 1991, pp. 16-17).

Importante ressaltar, que os recreios além de momentos de distração, socialização e de jogos, eram ocasiões de sondagem dos alunos. Com a presença dos padres entre os alunos nos recreios, participando das brincadeiras e dos jogos, ou seja, com a inserção no universo dos alunos, tornava-se possível observar e ouvir seus desejos, suas carências, suas limitações e, deste modo, atuar no sentido de preencher essas suas necessidades. Verificava-se também, quais eram os alunos que influenciavam negativamente o grupo, ou seja, aqueles que frequentemente desobedeciam ao Regulamento e que deveriam ser mais diretamente observados.

Continuando a narração:

Tocava o sino e todos seguiam para o grande refeitório onde almoçavam a princípio em silêncio, quando um aluno lia páginas de algum livro sensaborão, e depois em ruidosa conversação. Cada mesa tinha à cabeceira um interno aplicado e nela se sentavam dez alunos. O almoço consistia em feijão, arroz, carne, uma verdura e sobremesa que variava, ora um doce, ora uma fruta. A laranja era ácida, de má qualidade. No jantar havia o acréscimo da sopa.

Do refeitório íamos para o recreio, que se prolongava até as 13 horas e meia. Havia um grande pátio para o recreio de cada Divisão. Jogava-se futebol, ping-pong, tênis (só os maiores) e andava-se em grupos pelos corredores cobertos, laterais, dos pátios. Um ou outro interno possuía bicicleta e a alugava aos colegas. Cada volta pelo pátio custava 2\$00, um dinheirão! Era junto as colunas de ferro que sustentavam os telhados dos corredores dos pátios, que permaneciam em pé, em silêncio, e por todo tempo dos recreios, os internos castigados por alguma falta grave. Perdiam os recreios por um dia, dois ou três. Pouco antes das 14 horas íamos, todos em fila, ao salão de estudos, ali apanhávamos os livros e cadernos e rumávamos para as salas de aulas. (SANTOS FILHO, 1991, pp. 16-17).

O castigo observado no trecho acima, no qual o aluno faltoso permanecia em pé durante todo o recreio, era uma forma de usar os próprios alunos como ferramenta de disciplina. Exposto no pátio, o castigado era motivo de chacota por parte dos alunos, não explicitamente, pois os padres não permitiam, mas intimamente entre os colegas. Esta forma de punir servia tanto para corrigir o aluno castigado, pois moralmente era agredido, como intimidava para que outros não cometessem a mesma falta, pois sofreriam a mesma sanção.

Finalizando a narração:

Às 15,30 horas, novamente café com pão sem manteiga e 15 minutos de recreio. Depois mais aulas até as 17 horas, quando todos subíamos para os dormitórios, alguns tomavam banho e quase todos trocavam de roupa. Descanso e descida para o jantar, que era servido às 18 horas. Novo recreio de uma hora, outra ida aos salões de estudo e às 20 horas, reunidas as três Divisões, ouvíamos, antes da subida para os dormitórios, uma predica de conselhos e avisos, pelo padre diretor. Às 21 horas passava a reinar profundo silêncio em todo o colégio.

Os principais divertimentos resumiam-se em uma sessão cinematográfica, no refeitório, nos domingos à noite, e em um passeio a pé às quintas feiras pela manhã, antes do almoço, pelas ruas e arredores de Lorena. Todos íamos em fila e estávamos proibidos de olharmos as moças que se postavam nas portas e janelas das casas para nos verem passar. Todos em silêncio, nós e elas... Algumas excursões eram levadas a cabo, como a subida da Serra da Mantiqueira até atingir Minas Gerais, e a visita à Fábrica de Pólvora sem Fumaça, do Exército Nacional, em estrela do Norte (1927). (SANTOS FILHO, 1991, pp. 16-17).

Percebemos a existência do tempo para se levantar, o de rezar, o de se alimentar, a de estudar, o de assistir aula, o tempo para a higiene e o de descansar. O aviso do tempo certo para cada atividade era o badalar do sino existente no pátio do ginásio e

outros pequenos usados pelos Assistentes de dormitórios. Ao que parece, por meio de um protesto de um aluno, nota-se que o badalar dos sinos acordavam ou incomodavam a vizinhança do colégio, sendo necessário até o seu “encapotamento”. Nota-se também que, mesmo com toda estrutura arquitetônica do ginásio, com as salas de estudo, paredes grossas e altas, haviam perturbações externas que incomodavam o interior do ginásio, como os cães.

Lavro aqui o meu protesto solemne – a bem do serviço publico – contra o embrulho (ou encapotamento que seja) do sino gimnasial. Se antes, quando elle soltava a matilha de suas notas vibrantes, era difícil acordar certa gente, que eu conheço, quanto mais agora!... Pobres dos padres assistentes de dormitorio! Era preferível que o encapotamento (amordaçamento) se tornasse positivo contra certa canzoada, da visinhança do Gymnasio, que passam os dias a ganir, a ganir, não deixando a gente se preparar para os exames... Era bem preferível! (O Grêmio, 1913, nº 7, p.27).

Um outro fato curioso, referente às vésperas de um passeio dos alunos, mostra que estes também se localizavam no tempo (além dos sinos dos assistentes e o do pátio), por meio do soar dos sinos da Matriz de Lorena. Vejamos:

Na noite anterior ninguém conciliava o somno; todos accordados esperando que soasse a hora. Alguem segredou-me que ouviu o relógio da Matriz bater todas as compassadas badaladas da noite!... As horas cresceram, foram 12, desceram bruscamente a 1, e 2 ... O Assistente apenas deu o sinal para nos levantarmos, todos, promptos e firmes, atiramos ao rosto um punhado de d’água, contentes e satisfeitos [...]. (O Grêmio, 1911, nº 6, p.20).

Em dias de festas cívicas ou religiosas, era comum os alunos serem acordados pelos tiros do Batalhão Escolar Gymnasial ou por fogos de artifício, como atesta o documento abaixo.

Os gymnasiando aguardavam anciosos o estrepitar das bombas ou o badalar do sino, chamando os patriotasinhos que, pressurosos, correm às janellas, a contemplar o aspecto do dia. (O Grêmio, 1914, nº 7, p. 2).

Não foi possível fazer um levantamento exato das atividades da rotina escolar do ginásio durante os anos de 1902 a 1928. Sabemos que em 1908 “ *o horário de almoço era às 9:30*”(PONCIANO DOS SANTOS, 2000, p. 208), e que o horário do segundo estudo era por volta das 19:30, como atesta o documento abaixo:

[...] Por entre vivas e adeuses nos despedimos da excelente família do Sr. Mendes e, numa palestra ininterrupta, às 7:30 da noite tornamos a ver nosso caro Gymnasio, todo vestido de luz electrica, mas, silencioso, porque os outros alumnonos se achavam nos salões de estudo. (O Grêmio, 1912, nº 9, p.16).

O quadro abaixo, foi elaborado tomando-se por base o horário fornecido pela memória do aluno Licurgo de Castro Santos Filho, interno do Ginásio de 1924-1928. Não se pode afirmar que este horário seja o mesmo do período abordado pela pesquisa, mas relacionando-o com o horário de estudo mencionado no documento acima, vemos que existe uma aproximação, permitindo assim uma relação.

Quadro 1

Horário das atividades cotidianas do Gymnasio

Horas em que se executavam as atividades	Atividades do Cotidiano Escolar dos padres e alunos
4:30	Superiores acordam
5:00 – 5:30	Sinal para os alunos acordarem, se trocarem, realizarem a higiene pessoal e se dirigirem para a Igreja.
5:30 - 7:00	Missa
7:00 - 7:30	Café
7:30 - 7:45	Recreio
7:45 - 8:00	Preparo dos alunos para se dirigirem aos estudos
8:00 - 11:00	Estudo
11:00 - 12:00	Almoço
12:00 - 13:30	Recreio
13:30 – 13:45	Preparo para a primeira aula
13:45 – 15:00	Aula
15:00 – 15:30	Café
15:30 – 15:45	Recreio
15:45 – 16:00	Preparo para a segunda aula
16:00 – 17:15	Aulas
17:15 – 18:00	Subir para os dormitórios, realizar a higiene pessoal, se trocar e se dirigir ao refeitório
18:00 - 19:00	Jantar
19:00 – 19:15	Preparo dos alunos para se dirigirem aos estudos
19:15 – 20:30	Estudos
20:30 – 20:45	Reunião das divisões no pátio para avisos

20:45 – 21:00	Preparo para dormir e orações
21:00 – 5:00	Silêncio e descanso

(SANTOS FILHO, 1991, pp. 16-17).

2.1. A Sala de Aula:

E ainda hoje senhores, os abnegados ministros do Catolicismo, levantam escolas em todos os lugares do orbe para dar a juventude estudiosa, lições profundas da verdadeira ciencia, de pleno acordo com a pureza ilibada do Evangelho. Sinão, que sociedade poder-se-ia formar, ao contato de tão degradantes teorias do seculo!?
(O Grêmio, 1911, nº 4 e 5, p.19)

As diversas transformações por que passou a educação escolar do século XVI ao XIX, sempre no intuito de dar maior aproveitamento e objetividade as ações dos educadores e as aspirações sociais, levaram gradualmente a uma separação de alunos em idades iguais ou próximas, em salas próprias, as classes. Surge deste modo, as seriações escolares, com suas matérias próprias, no qual cada faixa etária de alunos corresponde a uma série escolar.

No documento abaixo, podemos verificar as matérias que passaram a compor o curso Ginásial, após o decreto da Lei Rivadávia Correa, de 1911. Vejamos:

Desde o dia 16 de Junho começou a vigorar no nosso gymnasio a anunciada reorganização dos cursos. As principais modificações são as seguintes: O curso Gymnasial ficou reduzido a 5 annos – o estudo das línguas foi antecipado de um anno - foram supprimidas as matérias facultativas – alguns programmas foram simplificados, tomando como base os exames de admissão as diversas escolas superiores – foi modificado o exame de admissão ao primeiro anno gymnasial. O curso do Gymnasio S. Joaquim consta das seguintes disciplinas: Portuguez –Francez –Inglez –Latim –Geographia (espc. do Brazil) e noções de Cosmographia –Historia Natural –Historia geral (espc. da América e do Brazil) –Physica e Chimica –Logica e Psychologia –Religião –Calligraphia –Mathematica (arithmetica, álgebra, geometria e trigonometria).

Cursos facultativos: Desenho Geométrico –Desenho de ornato e pintura –Allemão –Grego –Italiano –Hespanhol –Literatura. (O Grêmio, 1911, nº 6, pp. 22-23).

Por meio de outro quadro encontrado na revista O Grêmio (1913), notamos quais matérias compunham a grade curricular das séries do curso ginásial e primário.

Quadro 2

Matérias que compunham a grade curricular de cada ano escolar

Classes		Matérias que compunham a grade curricular de cada ano escolar									
1º	Anno Preliminar	<u>Portuguez</u>	<u>Arithimethica</u>	<u>Religião</u>	<u>Calligraphia</u>	<u>Desenho</u>	<u>L. de cou.</u>				
2º	Anno Preliminar	<u>Portuguez</u>	<u>Arithimethica</u>	<u>Religião</u>	<u>Calligraphia</u>	<u>L. de cou.</u>					
3º	Anno Preliminar	<u>Portuguez</u>	<u>Arithimethica</u>	<u>Religião</u>	<u>Desenho</u>	<u>Calligraphia</u>	<u>Geographia</u>	<u>H. do Brasil</u>			
4º	Anno Preliminar	<u>Portuguez</u>	<u>Arithimethica</u>	<u>Religião</u>	<u>Desenho</u>	<u>Calligraphia</u>	<u>Geographia</u>	<u>H. do Brasil</u>	<u>Sciencias</u>	<u>Francez</u>	
1º	Anno Gymnasial	<u>Portuguez</u>	<u>Francez</u>	<u>Inglez</u>	<u>Religião</u>	<u>Arithiméthica</u>	<u>Geographia</u>	<u>Calligraphia</u>			
2º	Anno Gymnasial	<u>Portuguez</u>	<u>Francez</u>	<u>Inglez</u>	<u>Religião</u>	<u>Latim</u>	<u>Arithiméthica</u>	<u>Algebra</u>	<u>Geographia</u>	<u>Calligraphia</u>	
3º	Anno Gymnasial	<u>Portuguez</u>	<u>Francez</u>	<u>Inglez</u>	<u>Religião</u>	<u>Latim</u>	<u>Geometria</u>	<u>Algebra</u>	<u>Geographia</u>	<u>H. do Brasil</u>	
4º	Anno Gymnasial	<u>Portuguez</u>	<u>Francez</u>	<u>Inglez</u>	<u>Religião</u>	<u>Latim</u>	<u>Mathemática</u>	<u>Ph. E Chim</u>	<u>H. Natural</u>	<u>H. Universal</u>	

(nº 1, pp. 30-35)

Não foi possível verificar as matérias pertencentes ao quinto ano ginásial no documento acima. O que podemos supor é, que de todas as matérias que compunham o curso ginásial, citadas no documento acima do quadro, as únicas que não foram mencionadas em nenhuma série, foram as matérias Lógica e Psychologia. Provavelmente, estas matérias faziam parte do quinto ano ginásial, juntamente com a de Religião e as do Curso facultativo.

A seriação e a distribuição das matérias pelos anos escolares, pode também ser entendida sob a perspectiva da atenção dos pedagogos em adaptar as idades e as séries dos alunos ao grau de complexidade das disciplinas. Assim, verificando o quadro acima, notamos um número crescente de matérias conforme se elevam as séries escolares, ou seja, conforme a idade e série aumentava, maior seria a capacidade de abstração e concentração dos alunos.

Um outro ponto que podemos destacar utilizando o quadro, é a presença no 1º e 2º ano do curso preliminar, da matéria “Lição de Cousas” (L. de cou.). e do Latim no 2º, 3º e 4º ano do curso ginásial.

A “Lição de Cousas” era a estimulação, por meio objetos orgânicos, minerais e escolares, da abstração dos alunos menores, ainda com limitadas capacidades motoras e

intelectuais. Tal procedimento contribuía para que o conhecimento fosse construído a partir da intuição dos alunos, ou seja, a pedagogia do método intuitivo do qual falamos um pouco acima. A Caligraphia também é revelante, pois desenvolve a destreza, o auto-controle do corpo, a estética na escrita e é um pré-requisito, já que existiam “*Dictados*” que serviam como “*prova de caligraphia*”(O Grêmio, 1911, nº 6, p. 22).

A presença do Latim na grade curricular e do Grego oferecido pelo Curso Complementar, são reflexos da educação humanista. Estas, mais do que matérias, eram elementos de distinção social, indicadores de boa procedência e status, de alta cultura, de posse, etc. Com essas matéria, que tomam a Antiguidade Clássica como modelo a ser seguido e idealizado, uma série de autores são revisitados e apropriados. Deles, estudam-se as definições “*do Homem, do Belo e do Bem*”, com uma preocupação em adquirir uma cultura geral, despreocupada e não profissional.(PETITAT, 1997, p.97).

Uma característica das instituições educativas cristãs, quanto aos autores humanistas, é a apropriação ou a interpretação cristã destes clássicos, ou seja, o conhecimento é buscado em obras profanas, mas elaborado à luz da moral católica. Pelo documento abaixo mencionado, percebemos que no meio de uma conferência sobre o Egito, proferida aos alunos por um padre, é feita uma apropriação do fato e retirada uma conclusão moral. A parte que esta em itálico no documento, são as observações feitas pelo padre na ocasião da conferencia. Vejamos:

[...] Entretanto, si bem que o orador tivesse, conscienciosamente e com alma de artista, de encarecer tudo o que no luminoso quadro se desenhava, não deixou de, como padre, pertencente – elle e nós – a uma civilização cimentada pelo sangue dos martyres, fazer uma serie de observações Moraes e sociaes, que evidentemente se impunham no caso.

Por quanto brilhantes tenham sido[...] as manifestações da grandeza, empolgantes as fulgurações da arte, os esplendores dos monumentos, a mim se afigura tudo como um cadáver rijo que ostenta as vistosas roupagens de sua realeza.

Mais! Nunca as apparencias foram mais enganadoras; nunca mais grandiosos cenotaphios, desfarçaram a ausência dos despojos. Porque faltava á civilização Egypcia o que faltava a Athenas para tornar coherente Sócrates, o que faltava a Roma, para reter Catão do suicídio: - A verdade! (O Grêmio, 1913, nº 1, p.12).

Neste outro documento, abaixo apresentado, percebemos a moral católica na interpretação dos fatos históricos. Uma possibilidade, é que estas definições e

apropriações fossem feitas pelos padres-professores e expostas durante as aulas. Vejamos:

Tiradentes exultava ao ver os progressos da revolução, quando um facto veio transtornar completamente o estado das coisas. Joaquim Silvério dos Reis, o Judas deste novo Evangelizador e um dos muitos conjurados, não trepidou em trahir seus amigos em troco dalgum ouro e irrisórios títulos de fidalguia. (O Grêmio, 1911, nº 4e 5, p. 8).

Por meio da foto abaixo (figura 25), podemos verificar a presença dos padres-professores e o manuseio de objetos, por ele, e pelos dois alunos da primeira e da segunda fileira, da direita para a esquerda dos mesmos. Notamos ao observar a imagem, que nas paredes da sala existe uma grande quantidade de quadros e objetos, até mesmo alguns sobrepostos aos outros. Ao que parece, verificando a disposição dos quadros em direção à lente da máquina, é que esta sala foi montada para ser tirada a foto. Essa preocupação é compreensível, pois essa foto publicada na revista O Grêmio¹⁴, era uma forma de propaganda do ginásio, já que, por meio desta, notava-se a presença do método intuitivo, da ordem na sala, do garbo dos alunos, dos livros sobre as carteiras individuais, mostrando indícios de uma educação moderna.

Figura 25
Sala de Aula do Gymnasio



(O Grêmio, 1913).

¹⁴ A revista O Grêmio circulava internamente no colégio e externamente, por meio de seus assinantes.

Com relação aos professores, sabemos que até 1915 todos os professores eram padres salesianos, com exceção do instrutor militar. No ano de 1928, segundo César (2000), dos vinte e dois professores, com exceção do instrutor militar, treze eram leigos, cinco eram padres e quatro eram clérigos.

A revista o Grêmio, de 1911, nos fornece a relação dos padres-professores que chegaram para preencher as necessidades administrativas e pedagógicas, juntamente com os que aqui já estavam. Vejamos:

[...] O nosso conceituado corpo docente, cuja a competencia intelectual, moral e pedagógica não há quem desconheça, este anno foi augmentada com um ingente reforço, todos professores escolhidos, mentalidades de elite.

Basta citar-lhes os nomes:

Padre Helvécio Gomes de Oliveira, [...] Padre Domingos Riguzzi, [...] Padre Theodoro, [...] Padre João B. Palma, [...] Padre E. Fraga, [...] o benemerito e sympatico Padre Henrique Mourão, [...] indefesso e querido Padre Estanislau Tycner [...]. (O Grêmio, 1911, nº 3, p. 6).

Sabemos também da presença de outros padres, como “ *o provector lente de Inglês deste Gymnasio, Revmo. Sr. P. João Renaudin*” (O Grêmio, 1911, nº 2, p.24), o Padre Paulo Consoline (O Grêmio, 1912, nº 3, p. 17) e os Padres Diretores Antonio Dalla Via (1908-19013) e Luiz Marcigaglia (1914-1920).

Uma forma encontrada por estes padres para “*estimular os alumnos a uma bôa conducta e bôa vontade para os estudos*”, foi a criação do “*Tríduo para inicio do anno lectivo*”, antes da leitura do regulamento. Este acontecia durante três dias e era composto de conferências de algum padre do ginásio ou não, e no final existia uma “*comunhão geral para todos os alumnos*”. (O Grêmio, 1914, nº 1, p. 14).

As aulas, pelas informações recolhidas nas edições da Revista O Grêmio, eram compostas de “*Lições e temas a fazer*”. ou seja, exposições didáticas feitas pelo professores e anuncio de textos que seriam tratados e analisados nas próximas aulas. (O Grêmio, 1913, nº 6, p. 2). Deste modo, os alunos nos Estudos (realizados nas salas de estudo), reviam as lições apresentadas em aula e liam as que seriam tratadas na próxima aula. Nas aulas de português lia-se versos, como atesta o aluno João Bráulio do 2º ano ginásial: “*ocorreram-me aquelles bellissimos versos de Castilho, há pouco lidos em aula*”. (O Grêmio, 1911, nº 8, p. 9). Existia também os momentos de estudos individuais em aula, como nos informa o aluno Aristóteles Piracuruca: “*Li na aula,*

estudando um trecho de Latino Coelho [...]”. (*O Grêmio*, 1912, nº 5 e 6, p.10). Existia também provas de “*analyse syntactica, passada em aula*”. Eis a prova:

Analysar syntacticamente a seguinte phrase:

<<Na abrigada Bahia as velas, que no mar viajaram todo o dia cahem cheias de somno>>.

(*O Grêmio*, 1913, nº 2 e 3, p.13)

Notamos também que algumas aulas, como as que antecediam datas cívicas, eram utilizadas para predileções sobre o motivo e a importância do acontecimento. Os padres-professores, independente da matéria que lecionavam, deveriam sensibilizar os alunos sobre a importância de se comemorar e celebrar tal data. (*O Grêmio*, 1912, nº 7, p. 17).

Existiam concursos mensais de poesia, do qual as melhores eram escolhidas pelos professores e publicadas na revista *O Grêmio*.(O *Grêmio*, 1911, nº 6, p. 23). Segundo as normas, o professor pedia para que as poesias não ultrapassassem o limite de 20 linhas, como atesta o aluno Tobias Novaes do 3º ano ginásial: “*não devei passar o limite das vinte linhas impostas pelo lente*”.(O *Grêmio*, 1912, nº 3, p.9).

Por meio e uma prova de lógica, publicada na revista *O Grêmio*(1911, nº 3, p. 5 e 6), podemos verificar que existem inúmeras citações de autores utilizados em aula, como Balmes, Reid, Rosmini, Giobert e Sinibaldi, o que mostra grande capacidade de memorização por parte do aluno. Eis o enunciado da prova e a objeção feita pelo aluno. (Apresento apenas o início da prova, sendo que os autores e as citações acima mencionados, apareceram no desenvolvimento da objeção feita pelo aluno):

THESE: Descrever o processo dos sentidos nas <<percepções>> e o seu primeiro producto <<intellectual>> - a idea.

OBJECCÃO: Assim como a luz é o producto das vibrações moleculares, assim também as idéas o são do movimento encephalico.

Reforçando a necessidade da memória neste contexto educacional e, mostrando também que nas aulas os padres solicitavam a participação dos alunos, e que a estes muitas vezes a memória falhava, a revista *O Grêmio* dá a solução pitoresca para o problema:

Eis o grande remédio: comer alho.

[...]

Os *estudiosos e applicados alumnos* que, quando chamados á lição, sempre se queixam de falta de memória, ahi têm o remédio, promptinho e barato. (O Grêmio, 1912, nº 7, p.22) (Grifos do autor)

2.2. Premiações e castigos:

“Se em nossas Casas se puser em prática este sistema, creio poderemos alcançar grande resultado, sem recorrermos a pancadaria, nem a outros castigos violentos. Há quarenta anos, mais ou menos, que trato com a juventude, não me lembro ter usado castigo de espécie alguma. Com o auxílio de Deus, não só obtive sempre o que era de dever; mais ainda, o que eu simplesmente desejava, e isso daqueles mesmos dos quais se havia perdido a esperança de bom resultado”. (Dom Bosco)

Juntamente com o movimento de seriação escolar, ou seja, uma idade certa para cada série, é incorporado ao tempo escolar o sentido avaliativo. O bom aluno passa a ser aquele que *aprende num curto espaço de tempo* e o mau, aquele *gasta muito tempo para aprender*. Escrever rápido e legível no momento do ditado, ler obedecendo os sinais ortográficos – ponto, vírgula, etc, fazer o trabalho no tempo certo, fazer pergunta e responder no tempo certo, passaram a ser instrumentos avaliativos, no qual, o tempo passa ser parâmetro de nota.

Neste mesmo movimento, o *perder tempo* passa a ser repudiado e perseguido. O ócio passa a ser um valor negativo, e o trabalho *“uma escada de difficil ascensão e em cujo cimo se acha valioso prêmio para quem não esmorece ao sibil-a”* .(O Grêmio, 1911, nº 7, p. 11). Segundo o Regulamento das casas *salesianas* *“quem é obrigado a trabalhar e não trabalha furta à Deos e à seus Superiores. Os ociosos no fim da vida sentirão grandissimo remorso por terem perdido tempo”*. (apud, PONCIANO DOS SANTOS, 2000, p. 408).

Conforme um trabalho escolar de um aluno do 5º ano Ginásial, é possível sentir o valor do trabalho e o repúdio ao ócio:

Laboremus!

As leis divinas e humanas constringem o homem ao trabalho. Este, proporcionado ás forças de cada individuo, concorre efficazmente para o desenvolvimento do physico, do moral e do intellecto, muitas vezes ainda, de todos conjuntamente.

[...]

O trabalho diverte a vida, jucundando-a . O Trabalho trás ao homem o progresso, a austeridade e sobremodo a paz, a excellente paz [...].

[...]

[...] o laborioso, o cumpridor de seus deveres, é bem conceituado na sociedade, enquanto o vadio o negligente é mal visto é desrespeitado. (O Grêmio, 1913, nº 2 e 3, pp. 3-4).

O tempo, deste modo, passa a ser um dispositivo utilizado para a organização institucional e para a avaliação dos alunos. A permanência ou a ascensão à uma classe posterior, passa a estar relacionada ao seu desempenho escolar, ou, ao trabalho desempenhado durante o ano.

O momento de fundação do Ginásio S. Joaquim coincide com a falência de inúmeros fazendeiros de café do Vale do Paraíba. Sem posses para manter o status, essa parcela falida de agricultores vai tentar uma nova ascensão social por meio da educação de seus filhos. Para tanto, as roupas (aparência), a qualidade dos colégios (equiparados ou não), as notas (qualidade e superioridade), o comportamento (civildade e urbanismo), os trabalhos escolares de seus filhos (amostras de qualidade), passam a ser vigiados e exigidos, pois atuam como propagandas sociais do meio a qual se convive.

Sendo assim, podemos entender o motivo da existência do “*Prêmio Urbanidade*” ao aluno de melhor comportamento, garbo, etiqueta, civismo e nota de cada Divisão ao final de cada ano. Segundo Ponciano dos Santos(2000):

[...] eram considerados prêmios [...] a publicação da fotografia do aluno, a inclusão de seu nome na revista entre os destacados de toda espécie, a publicação de um trabalho escrito. Mensalmente, publicavam-se no Quadro de Honra [...] os nomes dos alunos que sobressaiam pelo seu procedimento e pela sua aplicação. (p. 423).

A revista do grêmio do Gymnasio (figura 26), publicou a pedido do padre, a foto dos alunos escolhidos durante este ano, como uma forma de premia-los. Vejamos:

Figura 26

Fotos de alunos premiados



(O Grêmio, 1913).

Como a circulação desta revista era interna e externa ao colégio, servindo como uma amostra da qualidade do ensino ministrado para a formação do “bom cristão e do honesto cidadão”. Vemos também, que este prêmio era concedido pelo padre na festa de encerramento do ano, mas a votação era feita pelos alunos de cada Divisão. Um outro detalhe interessante, é a quantidade de “*Medalhas de Honra ao Merito*”, pregadas no casaco do aluno da Divisão dos Menores, o da direita. (O Grêmio, 1913, nº 1, p.3).

Dentro da tradição salesiana, “*os prêmios eram um dos meios para estimular os alunos ao estudo, ao procedimento exemplar, como um instrumento de emulação*”.(PONCIANO DOS SANTOS, 2000, p. 420). Nesta pedagogia, era preferível que o aluno mantivesse a disciplina e o bom desempenho nos estudos não por medo dos castigos, mas sim pelo desejo de se ganhar prêmios. Existiam vários tipos de prêmios no ginásio, entre eles o de:

Procedimento, aplicação ao estudo, (ou ao trabalho), instrução religiosa, música (vocal e instrumental), desenho, datilografia, pontualidade, assiduidade, até assistência à Missa aos domingos e dias santos, antiguidade, declamação, além de prêmios especiais. Até

as saídas, que tantas tensões criavam [...], eram consideradas prêmios por facilitar a disciplina. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000, p. 422).

Na revista O Grêmio (1913, nº 1, pp.27-29), podemos verificar que foram “*proclamados e conferidos em sessão solenne*” os prêmios de Procedimento, Assiduidade (para os externos), Religião, Estudo, Música Vocal e Instrumental. Interessante notar, que dentro das categorias de premiação existiam as hierarquias, 1º, 2º, e 3º lugares. Este modelo, aumentava as possibilidades de se alcançar uma premiação, o que instigava o processo de emulação e esforço dos alunos, para adquirir um reconhecimento dentro da instituição escolar, perante seus pares, os padres e os familiares.

Quanto aos castigos, se fossem necessários Dom Bosco salientava:

1- O educador entre os alunos procure fazer-se amar, se quer fazer-se respeitar. Nesse caso a subtração de benevolência é um castigo que desperta emulação, infunde coragem sem deprimir.

2- Entre os meninos é castigo o que se faz passar por castigo. Observou-se que um olhar não amável produz para alguns maior efeito que uma bofetada. O elogio quando uma ação é bem feita, a repreensão quando há desleixo, é já um prêmio ou castigo.

3- Salvo raríssimos casos, as correções, os castigos, nunca se dêem em público, mas em particular, longe dos companheiros, e empregue-se a máxima prudência e paciência para que o aluno compreenda a sua falta, à luz da Razão e da Religião.

4- Bater, de qualquer modo que seja, pôr de joelhos em posição dolorosa, puxar orelhas, e outros castigos semelhantes, devem-se absolutamente banir, pois são proibidos pelas leis civis, irritam sobremaneira os jovens e desmoralizam o educador.

5- Torne o diretor bem conhecidas as regras, os prêmios e os castigos sancionados pelas leis disciplinares, a fim de que o aluno não possa desculpar-se dizendo: “Eu não sabia que isso era mandado ou proibido”.

(A pedagogia de Dom Bosco através de seus escritos, apud. PONCIANO DOS SANTOS, 2000, p.485).

Ao que parece, analisando as fontes levantadas para este trabalho, os castigos eram mais de ordem moral do que físicos. No documento abaixo verificamos como castigos, a ida para a *secretária*, a existência do *canto e mais coisa que não convém dizer*. Vejamos:

Já sabe, não preciso dizer-lo, a rapaziada so fallava em férias: [...] Total de tudo isso: Muita gentinha, cuidando estar em casa ainda, permittiu-se certas infracções do regulamento,. E no fim ... e no fim, já se sabe, também: *Notas más no fim do mez*, máo procedimento, cantos, secretarias, etc, etc, e mais coisas que não convem dizer. (O Grêmio, 1913, nº 8 e 9, p.19). (grifos do autor).

O sistema de avaliação do ginásio compunha-se de duas provas, sendo uma a final do primeiro e outra do segundo semestre, respectivamente chamadas de exames semestrais e finais. Estas geralmente eram realizadas nos meses de junho e julho – exames semestrais - e outubro novembro – exames finais. Ao longo do semestre existiam também outras avaliações que não possuíam o mesmo peso dos exames. Os exames eram compostos de provas *escriptas e oraes*, sendo as notas assim classificadas:

Para as provas escritas – Simplesmente, Plenamente e Distincção.

Para as provas orais - Grau um ao dez.

As provas de cada matéria eram realizadas uma a cada dia e havia um revezamento entre as provas do Curso Preliminar e Ginásial, ou seja, se no primeiro semestre os exames comesçassem pelo curso preliminar, no segundo seriam iniciados pelo curso ginásial. Ao que parece, esta prática de aplicação de exames em um curso primeiro e não nos dois ao mesmo tempo, pode ser entendida pela necessidade de quatro padres em cada sala de exame, o que seria impossível se estes ocorressem simultaneamente, pelo limitado número de salesianos no estabelecimento. Um padre era o presidente – responsável por qualquer assunto que fosse necessário sair da sala, como saída de alunos ao banheiro ou alguma eventualidade e incumbido também de ditar ou escrever as questões da prova no quadro; dois padres eram examinadores – responsáveis pela disciplina e aplicação das provas, ou seja, atenção com os “colas” e dúvidas; e um padre o secretário, responsável pela observância das notas e das faltas (no caso dos externos) em ata.

O documento abaixo é uma ata de um exame final de Historia Natural, ocorrido em 10 de novembro de 1913. Nele podemos observar a presença dos padres e de suas funções apresentadas acima, e o sistema de notas das provas escritas e orais. Vejamos:

Aos (10) dias de novembro de mil novecentos e treze (1913), a comissão examinadora de História Natural do quarto anno, constando dos R.R.P.P. Ezequiel Fraga, presidente, Paulo Consoline e Theophilo de Mello, examinadores, tendo em vista as provas escriptas e oraes dos alumnos abaixo mencionados, resolveu, em

conformidade com o Regulamento em vigor, conferir-lhe as seguintes notas:

Francisco Affonso de Carvalho	Distincção	-----
João Monteiro da C, Folgado	Plenamente	grau sete
Renato Gonçalves	Simplesmente	grau cinco

E eu, secretario, para constar mandei lavrar esta acta que eu assigno.

P. Luiz Marcigaglia

(Livro de notas 1909 – 1917 Arquivo CDOC).

Pela análise do documento – Livro de Notas de 1909 – 1917 – foi possível verificar que os alunos que retiravam a nota *Distincção* na prova escrita de uma matéria, estavam liberados de sua prova oral. Essa afirmação foi possível, pois, de todos os alunos que tiraram nota *Distincção* dos anos de 1909 a 1917, nenhum apresenta nota na prova oral, possuindo apenas um traço no seu lugar, como no documento acima.

Pelo Regulamento interno do ginásio “*e que já constava no Código de ensino do regimen de equiparação*”, os alunos que fossem reprovados em mais de uma matéria estariam proibidos de prestarem exames de 2ª Época, ou fazendo um paralelo com hoje, estariam proibidos de fazer recuperação, sendo necessário fazer novamente o mesmo curso. (O Grêmio, 1912, nº 4, p.15).

As notas e as presenças dos alunos (no caso dos externos), eram enviadas aos pais por meio de boletins, que deveriam ser assinados e retornados ao ginásio.(O Grêmio, 1912, nº 1, p.3).

Conforme o documento abaixo, juntamente com alguns desvios de comportamentos dos alunos, verificamos a existência ou a tentativa de cola nos exames semestrais. Vejamos:

Os exames correram deixando em seu caminho numerosas victimas. São esses os fructos que colhem os que levam a vida flauteada, (*a pularem cerca de arame, tirando laranjas e fructas do conde, de lá da horta do Exmo. Snr. Comendador J.C.M.*) e os apanhados em *colla*, ou apenas em tentativa pelos fundilhos do bolso. (O Grêmio, 1914, nº 5, p. 21). (Grifos do autor).

As notas de comportamento eram atribuídas semanalmente pelos padres Assistentes das Divisões, dos dormitórios, e dos Estudos. Eram avaliados o Procedimento, a Aplicação e a Urbanidade dos alunos com a seguintes notas: *Ótimo*,

Bom, Regular e Insuficiente (PONCIANO DOS SANTOS, 2000, p.422). Ao final do mês, eram feitas a somatória das notas, e publicadas no Quadro de Honra da Revista O Grêmio, o nome dos alunos que obtiveram Ótimo em tudo.(O Grêmio, 1911, nº 6, p. 26).

Ao final dos exames semestrais e finais, eram feitas cerimônias para a leitura das notas de todos os alunos e entrega de prêmios para os que se destacaram. Para tanto, montava-se sessões *literário-cinematographicas* e convidava-se os familiares dos alunos, algumas autoridades e a imprensa local. Este momento era de grande constrangimento para aqueles que não obtivessem notas boas nos exames, pois suas notas seriam reveladas ao público. Vejamos no documento abaixo, como se sucedia este momento:

EXAMES SEMESTRAES: Realizaram-se na ultima semana de junho, para o curso preliminar; de 1º a 13 de julho para o curso Gymnasial. Constaram de provas escriptas e oraes e ocorreram com a máxima regularidade.

Um factio digno de nota: não houve desertores, nem doentes.

Transcrevemos do <<Norte Paulista>>:

No dia 17 de julho realisou-se no gymnasio uma sessão literário-cinematographica para a distribuição de prêmios aos alumnos que se distinguiram no primeiro semestre.

Appoós breve allocução do padre Director animando os alumnos a uma seria applicação até o fim do anno lectivo, procedeu-se a leitura das notas merecidas e distribuição de prêmios aos mais distinctos de cada aula.

[...]

Seguiu-se bella exhibição de <<films>> realmente instructivos, que muito agradaram, não só aos alumnos, como também, como ás exmas. Famílias que enchiam os vastos pórticos do estabelecimento.

Ao revmo. Padre Dalla Via agradecemos penhorados a gentileza do convite, que nos enviou para essa boa festa escolar [...]. (O Grêmio, 1912, nº 5 e 6, p. 9).

Nas festas de formatura dos bacharelandos, os oradores de turmas eram escolhidos pelos mestres, como nos atesta o aluno do 5º ano José Gaglianone, no seu discurso de colação de grau: *Convidado e impellido quase pela amabilidade do nosso director, a dizer cousas e frases por todos já ouvidas e por todos já sabidas, eis a única razão da minha presença aqui.* (O Grêmio, 1910, nº 1, p.14).

Ao que parece o relacionamento dos alunos com os padres, era de cordialidade, já que vemos elogios como benemérito, simpático e indefeso por parte dos alunos aos

padres. Uma carta do Deputado Estadual Antonio Lobo, de 1912, falando sobre as impressões passadas pelos salesianos no dia de sua visita ao ginásio, reforça a afirmação acima. Vejamos:

Levo, da visita que fiz ao Gymnasio S. Joaquim, a mais grata lembrança.

Verifiquei as condições em que o ensino secundário é ministrado, observei o respeito e a estima que reciprocamente existem entre mestres e alunos, com summo proveito para o desenvolvimento intellectual dos rapazes e para a educação moral catholica delles.

[...]

Lorena, Agosto de 1912.

(O Grêmio, 1913, nº 1, p.9)

CAPÍTULO – III

3. Batalhão Gymnasial - A propaganda da Ordem e da Cruz:

Foi este cuidado com a prática do civismo numa Congregação de padres estrangeiros, que derrubou todas as barreiras de desconfiança, porventura existentes, não só por parte das autoridades como da própria população, quanto às casas salesianas.

Que posso dizer dos padres salesianos ao visitar este estabelecimento? Nem nós, soldados, o excedemos no cumprimento do dever.

(Texto deixado no livro de visitas do Lyceu Salesiano N. S. Auxiliadora, em 1917, pelo General Luís Barbedo).

Como podemos verificar na epígrafe acima, o desenvolvimento da prática militar pelos padres salesianos, em seus colégios, obteve elogio e admiração das autoridades militares e civis.

O período abordado por esta pesquisa, 1902 a 1928, foi palco inúmeras transformações de ordem política, econômica e cultural no Brasil. Este momento é marcado pela penetração das idéias socialistas e anarquistas, pela fundação de colônias de imigrantes, pelas revoltas tenentistas, pela Semana de Arte Moderna, pela Primeira Guerra Mundial, pela Belle Époque brasileira, pela urbanização, pelo incipiente processo de industrialização e pelos movimentos nacionalistas, principalmente nos meios escolares. Segundo Nagle (1974), “*as primeiras manifestações nacionalistas aparecem, de maneira mais sistemática e mais influenciadora, no campo da educação escolar, com a ampla divulgação de livros didáticos de conteúdo moral e cívico [...]*”. (p. 44).

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a idéia de defesa nacional veio fomentar ainda mais as campanhas nacionalistas, que depositaram sobre o Exército e sobre a escola, a tarefa de regeneração cívica do brasileiro. O Brasil vive um clima de efervescência nacional, surgindo campanhas e movimentos para a erradicação do analfabetismo, para a defesa do voto secreto, para a moralização da política e a obrigatoriedade do serviço militar.

O fervor nacionalista, alimentado por alguns grupos políticos e intelectuais descontentes com a oligarquia no poder e os desvirtuamentos da República, trouxe à baila a questão da nacionalidade brasileira, o combate à estrangeirização do Brasil, a reforma política, a moralização dos costumes e a regeneração da nação. (SOUZA, 2000, p. 8).

Neste contexto, a função do Exército para com a sociedade brasileira passa a ser discutido e reformulado, o que suscitou o surgimento de correntes ideológicas distintas sobre o papel dos militares.

De um lado, os chamados “Jovens Turcos”, ex-estagiários do Exército Alemão, defendiam a “Profissionalização do Exército”, a obrigatoriedade do serviço militar, a exclusividade do poder de repressão, ou seja, atribuíam ao Quartel a função específica de preparação militar. Segundo Horta (1994):

Os “jovens turcos”, fiéis à formação recebida no Exército Alemão, defendem a idéia de um exército profissional moderno e bem equipado, responsável único pela garantia da ordem e da segurança do país; em outras palavras, de um exército que assume a sua real função de aparelho repressivo. (p. 14).

Do outro lado, tínhamos um grupo que propunha para o Exército a função de agente social, ou seja, instituição responsável pela educação moral e cívica da sociedade. Entendendo a caserna como um prolongamento do lar, como um local dotado de apóstolos do patriotismo e do civismo, este grupo desejava fazer passar pelo Quartel o maior número possível de cidadãos, transformando-os, deste modo, em cidadãos-soldados.

Como consequência deste ideal, “*a instrução militar para os alunos maiores de 16 anos tornou-se obrigatória*”, com a promulgação da lei “*do alistamento e sorteio militar*” nº 1860, de 6 de janeiro de 1908, art 98. (HORTA, 1994, p.53). Esta lei não obteve grandes resultados, pois a quantidade de profissionais habilitados para ministrar a instrução militar era muito pequena, sendo necessário contar com o trabalho voluntário dos Oficiais do Exército¹⁵.

Por meio da Campanha civilista do Poeta Olavo Bilac¹⁶, simpatizante da idéia de um Exército que funcionasse como escola de civismo, com a fundação, em 1916, da

¹⁵ O ensino de ginástica e exercícios militares fazia parte do currículo da Escola Normal de São Paulo, para os alunos do sexo masculino. No entanto, nessa escola predominavam alunos do sexo feminino; por isso, poucos professores primários estavam habilitados para o ensino da matéria. Por essa razão, vários grupos escolares contaram, no início do século XX, com o trabalho voluntário de soldados reformados do exército para o desenvolvimento dessa atividade. (SOUZA, 2000, p. 6).

¹⁶ Filho de militar, Bilac era um poeta plenamente aceito entre as elites civis. E será justamente aos jovens das famílias das elites civis que ele dirigirá sua campanha, iniciada com uma conferência na Faculdade de Direito de São Paulo, e que se estenderá por diferentes faculdades do centro e do sul do país. (HORTA, 1994, p.8).

Liga de Defesa Nacional¹⁷ e com o final da Primeira Guerra Mundial, é que um novo decreto veio sistematizar e colocar em prática a obrigatoriedade do serviço militar nas escolas.

Em novembro de 1917, um novo decreto sobre o serviço militar mantém a obrigação da instrução militar nas escolas, tal como fora estabelecida em 1908, e acrescenta um dispositivo segundo o qual os alunos aprovados nos exames, ao final da instrução, seriam considerados reservistas de 2ª Categoria. (HORTA, 1994, p. 53).

Segundo Bittencourt (1990),

Embora o culto sacralizado à bandeira e à Pátria fosse divulgado por uma série de intelectuais como Coelho Neto e vários autores de obras didáticas e de literatura infantil, o expoente maior do civismo patriótico da época foi Olavo Bilac. Este intelectual, autor do Hino à Bandeira e de inúmeras poesias patrióticas que foram declamadas por alunos em várias gerações, dedicou-se, nos anos finais de sua vida à difusão do ‘espírito nacionalista entre a juventude’, em conferências por todo país. (p. 169).

A introdução das práticas militares no interior dos colégios, fez-se por meio da Ginástica e dos Exercícios Militares. Por meio destes exercícios, formou-se nas escolas, “*simulacros de corporações militares*”, os chamados Batalhões Infantis, Collegiaes ou Gymnasiaes.

Juntamente com a ginástica foi introduzida a rubrica “exercícios militares”, numa clara demonstração dos vínculos entre a escola popular e os desígnios da sociedade republicana. Objetivo: fazer do aluno um futuro “guarda nacional”, um defensor da pátria. (SOUZA, 1998, pp. 179-181).

Em consonância com a mentalidade eugênica do final do século XIX e início do XX, a Ginástica, em suas diversas linhas¹⁸, a *ginástica de quarto*, a *alemã* e a *sueca*,

¹⁷ A Liga de Defesa Nacional durará até 1924 e pregava temas como: idéia de pátria, de justiça, a educação nacional, a instrução profissional, a importância do esporte na vida nacional, o problema econômico nas suas relações com a Defesa Nacional, a defesa da língua nacional, a economia individual como base da prosperidade econômica, a coesão nacional, o culto ao heroísmo militar e cívico, a Nação e o Exército; o serviço militar obrigatório, como benefício físico e moral para o indivíduo; força, segurança e grandeza para a comunidade. (CARONE, 1974, p.168).

¹⁸ A *ginástica de quarto* - realizado dentro da sala de aula, com exercícios localizados entre as carteiras dos alunos. A *ginástica alemã* - visava a melhoria do condicionamento físico dos alunos do sexo masculino, no qual eram utilizados exercícios acrobáticos e que exigiam um certo nível de hipertrofia muscular. Tal método foi introduzido no Brasil em 1852, com o objetivo de melhorar o condicionamento

possuíam a função de tonificar e melhorar a constituição física dos brasileiros. Almejava-se ainda, por meio da ginástica, criar ações higiênicas e moralizadoras sobre os alunos.

A educação física (ginástica), era destacada pela sua influência moralizadora e higiênica. Tornar os corpos ágeis, fortes, robustos, vigorosos. Desenvolver a coragem, o patriotismo. Todo um investimento no corpo dos indivíduos que os engalfinhava nos ideais de moralização e ordem social. (SOUZA, 1998, p.179).

Os Batalhões Escolares, por meio de seus desfiles, de seus combates simulados, de suas roupas, de sua ordem, de sua postura e armamento, tinham por finalidade a alegoria da República, o respeito às hierarquias, o controle e a educação das massas, ou seja, possuíam uma função pragmática e de propaganda.

Os salesianos foram pioneiros no processo de incorporação do serviço militar em seus colégios: “*Cuiabá (1907), Lorena e Niterói (1909), Bagé (1910), na Capital Paulista (Liceu Coração de Jesus – 1916) e em Campinas (Liceu Nossa Senhora Auxiliadora – 1916)*”. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000, p. 397). Esta atitude, fez com que as Instituições da Ordem obtivessem reconhecimento, simpatia e prestígio das autoridades militares do momento.

Para os Salesianos, a incorporação destes Batalhões no interior de seus colégios obedeceu dois pressupostos básicos: o da propaganda e o do controle disciplinar dos alunos.

Com os *slogans* do militarismo e do nacionalismo da segunda década do século XX, impulsionados pela campanha de Bilac, pela Liga de Defesa Nacional, entre outras, o Exército passa a representar a instituição responsável pela regeneração nacional. Criou-se no meio social a crença no poder salvacionista dos militares, e, por consequência, foi depositado sobre os mesmos um sentimento de moral e credibilidade.

A introdução das atividades militares nos colégios salesianos, por meio da formação dos Batalhões Escolares, trouxe confiabilidade, prestígio e robustez, para a instituição, visto a empatia que a caserna possuía no meio social do momento. O fardamento dos alunos, seus desfiles e atividades, funcionavam como propaganda do colégio e da educação salesiana.

físico do Exército Brasileiro. A *ginástica sueca*, mais sintonizada com os interesses da escola, visando o desenvolvimento do vigor físico necessário ao equilíbrio da vida, para preservação da pátria e da saúde.

Por outro lado, os militares viam nesta aproximação, possibilidades de imiscuir na juventude, os sentimentos nacionalistas, de defesa do País, de respeito e admiração aos preceitos militares. A notícia abaixo, encontrada na revista O Grêmio de 1914, ajuda a elucidar a afirmação acima. Ela refere-se ao discurso proferido por um Capitão do 53º Batalhão de Lorena, no momento da apresentação de um retrato de um General na sala de armas do Gymnasio. A notícia ressalta ainda, a necessidade de tê-lo como um *symbolo* a seguir, ou seja, fazer os alunos terem uma postura apologética dos vultos militares. Vejamos.

Após ter sido descoberto o bello retrato do Exmo. Snr. General Cardoso, pelo Exmo. Snr. Cnel., o Cp., Amany Myrinck, com palavras escolhidas e elevados pensamentos [...], disse que [...] o retrato que sombanceiro, senhoreia nossa sala, é o symbolo da força, da disciplina que deve servir de lemma aos seus subalternos. (nº 7, p. 4).

Ponciano dos Santos (2000), citando uma circular do Pe. Pedro Rota de 25/08/1917, ressalta que, para este, as atividades militares “*além de serem uma propaganda excelente*”, pois o número de alunos estava em ascensão, servia como “*uma ótima ocupação e derivativos para os jovens*”. (p. 405).

Evangelista (1991), citando um jornal de Lorena de 30/07/1911, aponta que o instrutor militar do Gymnasio, o Tenente Fabiano, promoveu um “*concurso de tiro ao alvo*” com distribuição de prêmios aos ganhadores. Segundo o autor, o objetivo do instrutor “*não era apenas a participação em desfiles, mas a formação de reservistas para o Exército Nacional*”. (p. 131).

Conforme um trecho da revista O Grêmio, abaixo apresentada, de setembro de 1910, referente às festividades de Sete de Setembro, é possível perceber como os Salesianos utilizavam elementos e ações militares, como a farda e as movimentações em harmonia, para fazer propaganda do Gymnasio São Joaquim, no meio social. Por outro lado, percebemos o espírito cívico-patriótico dos alunos almejado pelos militares.

Após os combates simulados,[...] os ginasiandos saíram em *imponente desfile pelas principaes ruas da cidade, sempre garborozos e corretos*, recolhendo-se após ao Ginazio. Assim é que comemoramos a querida data, que se acha *impresa em caracteres indelêveis nos mais recônditos escaninhos dos corações patriotas, mormente no da juventude*. *Melhores lições de educação cívica não poderia dar [...]*. (nº 1, p. 12).(Grifos meus).

Um acontecimento marcante na história dos salesianos no Brasil, foi o desfile cívico de Sete de Setembro de 1917. Ocorrido no Rio de Janeiro, contou com a participação de 1256 alunos dos Batalhões Gymnasiais Salesianos de Lorena, São Paulo e Niterói. Este evento é um exemplo do modo como as atividades militares dos alunos foram utilizadas como propaganda para a obra de D. Bosco.

Segundo Ponciano dos Santos (2000),

O desfile foi considerado pela crônica jornalística da época como modelo de tropa dócil e útil à construção ou à reconstrução do corpo social do país. Os jornais foram pródigos em elogios à ação educativa dos Salesianos e à disciplina dos alunos, que pareciam pequenos soldados. O principal objetivo, porém, dos Salesianos com essa passeata era de *marketing* e também político. (p. 406). (Grifos meus)

Outro ponto benéfico dessa aproximação para os Salesianos, foi quanto à formação espiritual e escolar de seus alunos. Com a incorporação do serviço militar nos colégios, ou seja, por meio dos Batalhões Escolares, ao final dos estudos secundários os jovens saíam com a caderneta de reservista, o que permitia que os estudos não fossem interrompidos para o serviço militar. Tal prática, de acordo com as prescrições da pedagogia salesiana, possibilitava que toda a vida escolar e espiritual do aluno fosse ininterrupta, ou seja, a formação espiritual e escolar dos alunos não correria o risco de ser prejudicada pelo contato com os “prazeres do mundo”, ocasionados pelo serviço militar nos Quartéis.

O crescente aumento do número de alunos dos colégios Salesianos, entre eles o Gymnasio São Joaquim, suscitou um desempenho cada vez melhor das práticas de controle disciplinar dos Padres sobre os discentes. Para “*tantas atividades seria necessário um pessoal numeroso, para não comprometer a pedagogia de D. Bosco ou um sacrifício muito grande dos poucos existentes*”. (EVANGELISTA, 1991, p. 114).

Segundo a pedagogia salesiana, para existência de um ambiente escolar saudável, era imprescindível a existência de filas, de postura exemplar dos alunos e sacerdotes, de respeito hierárquico, de locomoção harmônica, homogênea, silenciosa e exata de grandes massas de alunos, enfim, pré-requisitos que foram praticados de forma mais objetiva com a incorporação da cultura militar nos seus internatos.

A incorporação da disciplina militar nos internatos, segundo FOUCAULT (2000), “*tem por função realizar renúncias mais do que aumentos de utilidade e que se*

implicam obediência a outrem, têm como fim principal o domínio de cada um sobre o seu próprio corpo". (p. 129). Muito mais do que corpos predispostos para a produção, a disciplina religiosa em comunhão com a militar, trouxe para os alunos a capacidade de resignação diante das normas e das dificuldades.

3.1. As Práticas Militares do Batalhão Gymnasial do São Joaquim:

O Gymnasio São Joaquim pertencia à 4ª Circunscrição de Recrutamento, sendo conhecida como Escola de Instrução Militar nº 61, das 226 apontadas em 1926, por José Murilo de Carvalho (1977).

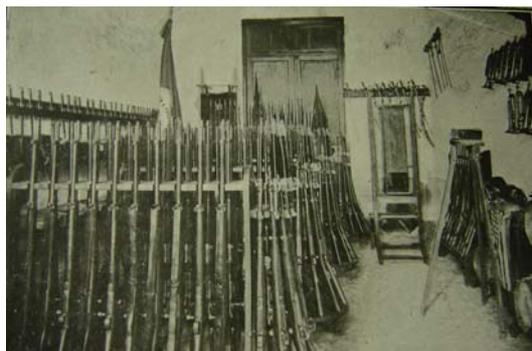
As relações entre os militares do 53º Batalhão de Lorena, com os Padres do Gymnasio São Joaquim, eram muito familiar. Por meio de uma notícia da revista O Grêmio de 1914, referente às festividades de inauguração da *nova sala de armas* do Gymnasio, podemos verificar esta afirmação. Vejamos:

O Exmo. Snr. Cnel. Dirige-se para a sala, acompanhado de muitos outro convidados que admiravam a bella disposição do armamento. [...] Tem a palavra o Exmo. Snr. Cnel. Sarahyba, que publicamente confessa sua alegria e súbita honra, representando o Exmo. Snr. General Cardoso, seu íntimo amigo, na solemne inauguração da sala d'armas do Gymnasio são Joaquim. Tece altos elogios aos dedicados filhos de D. Bosco que bem sabem excitar e incurtir nos seus alumnos esse amor sacrossanto da pátria. (nº 7, p. 4). [...]

A nova Sala de Armas do Gymnasio foi inaugurada em 26 de setembro de 1914. Por meio da foto da sala (figura 27), é possível verificar um grande número de armamentos "*verdadeiros*" (no centro para a esquerda da foto), mais à direita temos material para a banda militar, como as cornetas na parede (diagonal superior direita da foto, em primeiro plano) e os bumbos e caixas (na diagonal inferior direita da foto). (EVANGELISTA, 1991, p. 135). Verifica-se também a presença da Bandeira Nacional e, na parede, algumas espadas penduradas (diagonal superior direita da foto, em segundo plano).

Figura 27

Nova Sala de Armas do Gymnasio



(O Grêmio, 1921, nº 2, p. 6).

A existência de uma sala específica para guardar utensílios militares dentro do Gymnasio, coloca a atividade militar como pertencente à educação Salesiana, como ambiente, juntamente com as salas de estudo, de aulas, os dormitórios e refeitórios, constitutivo do todo. Revela que o militarismo no Gymnasio, não foi tratado como atividade anexa ou periférica, e sim, como elemento funcional e pedagógico da educação salesiana.

O Batalhão Escolar do Gymnasio, estava dividido em três Companhias, sendo duas do internato e uma do externato, que subdividiam-se em 1º, 2º, e 3º Pelotão. A Primeira Companhia era “*armada com fuzis de usos do Exército, guardados na Sala de Armas, sob a proteção de Santa Joana D’Arc, em artístico quadro*”. (EVANGELISTA, 1991, p. 169).

A composição hierárquica do Batalhão Gymnasial era semelhante à das Forças Armadas, constituindo-se de:

“Tenente Coronel Comandante, Capitães, Tenentes, Sargentos e Cabos. [...]”

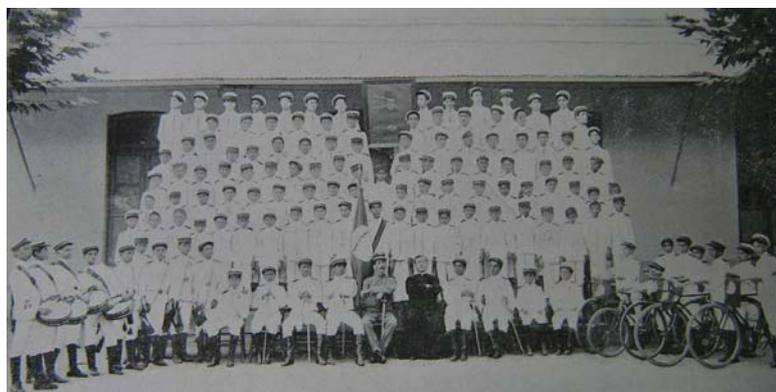
Os Oficiais eram geralmente os melhores alunos, os que já exerciam liderança nas companhias religiosas e outras associações existentes, como os grêmios literários, ligas esportivas, etc. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000, P. 399).

O Batalhão possuía uma “*banda de cornetas*”, um pelotão de “*sinaleiros-ciclistas*”, uma “*farda branca de gala*” e um conjunto de “*fuzis Mauser – 1908*”. (EVANGELISTA, 1991, p. 135). O uniforme militar dos alunos, passou a ser usado em todos os momentos de exposição social, como as festas religiosas, desfiles cívicos e passeios, no qual era colocado um pelerine preto sobre o fardamento. Por meio da figura 28, é possível visualizar o fardamento branco dos alunos, o pelotão de ciclistas e a

Banda do Batalhão com seus corneteiros e tocadores de caixa (esquerda inferior da foto).

Figura 28

Batalhão Gymnasial do São Joaquim



(O Grêmio, 1922, p. 7).

A imagem acima também sintetiza a ambivalência do Batalhão Gymnasial. Nota-se na parte central-superior da foto, entre os alunos, a imagem de D. Bosco e logo abaixo a Bandeira Nacional, símbolos do catolicismo e da república respectivamente. Percebe-se também, a presença de um Oficial do Exército e de um Padre Salesiano na sua parte central-inferior, o que nos leva a observar o amálgama de religiosidade e civismo impregnado na formação destes jovens.

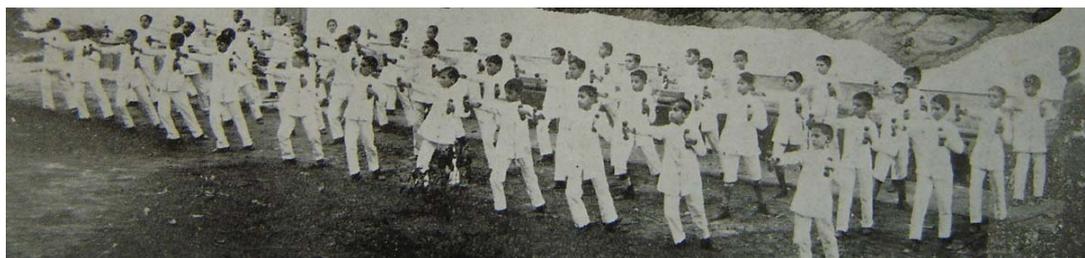
A Instrução Militar tinha início e fim juntamente com o ano escolar, e era organizada em trimestres, pela qual as atividades de treinamento físico e de tiros eram distribuídas. O treinamento ocorria fora dos momentos de estudo, em horários específicos para cada Companhia.

O responsável pela instrução militar dos alunos era um oficial do 53º Batalhão de Lorena, que, nos dois primeiros trimestres, ensinava lições de *Gymnastica suecca* (*O Grêmio, 1914, nº 7, p. 4*), “aulas de esgrima, exercícios de ginástica com armas[...] e ordem unida”. (*EVANGELISTA, 1991, p. 137*).

Por meio da foto abaixo, verifica-se um “exercício de gymnastica com marimbas” da Companhia dos menores. Notamos que as aulas eram ministrados pelo Instrutor Militar (à direita da foto), e que ocorriam separadamente por Companhias.

Figura 29

Exercício de ginástica com marimbas



(O Grêmio, 1921, p. 12).

A partir do terceiro trimestre do ano letivo, os alunos da Primeira Companhia, começavam a praticar aulas de tiros. Durante estes exercícios, existiam os “*Exercícios especiaes determinados pelo instructor*”, e os “*Exercícios especiaes determinados pelas autoridades superiores*”, que consistiam em passar a tropa em revista, ordenar marcha e posição de sentido. (ATA DE EXERCÍCIOS DE TIRO E MUNIÇÃO CONSUMIDA DO AMNO DE 1921). Outro Exercício de Tiro, era o chamado de “*Tiros de Combate*”, que possuíam nove modalidades diferentes: “*Os tiros de preparação*”, “*Os tiros de esquadra*”, “*Os tiros de pelotão*”, “*Os tiros de companhia*”, “*Os tiros de exame*”, “*Os tiros de applicação*”, “*O concurso de tiro*”, “*Os tiros de sacrifiação*” e “*Os tiros de prova*”. (ATA DE EXERCÍCIOS DE TIRO E MUNIÇÃO CONSUMIDA DO AMNO DE 1921).

Uma Ata encontrada no CDOC do São Joaquim, nos fornece detalhes de como eram executados estes concursos. Vejamos:

Aos vinte e quatro dias do mez de maio de mil novecentos e vinte e seis, na cidade de Lorena, Estado de São Paulo e no Stand do Quinto Regimento de Infantaria, as oito horas, presentes o Director deste Gymnasio Padres José dos Santos, Secretario Conselheiro do mesmo Doutor Padre Carmello Castelli, Primeiro Sargento Luiz Gonzaga Teixeira Leite [...] e os reservistas inscriptos: Alfredo Santoro, Angelino Fnganiello, [...], foi iniciada a prova official do concurso, duzentos metros, deitado arma-livre, alvo Z6 (dose zonas), dez tiros

[...].

Terminada esta prova, verificou-se a seguinte classificação: em primeiro lugar, Euclides Paiva de Campos; em segundo, Alfredo Santoro; e em treceiro, Waldo de Andrade Lemos com cincoenta e um, quarenta e trez e quarenta pontos respectivamente. Terminando o concurso foi, em tocante solemnidade, feita entrega de trez valiosas medalhas de prata com distintivo de tiro aos referidos atiradores pelo Director do estabelecimento Padre José dos Santos.

(Ata do Concurso de Tiro ao Alvo Realizado em 24 de maio de 1926).

Podemos perceber que o concurso acontecia de forma muito formal, com a presença de Padres e Oficiais, o que solenizava o acontecimento. Este, acontecia fora do Gymnasio, no Stand de Tiro do Quinto Regimento de Infantaria. O aluno ficava deitado, numa distância de duzentos metros do alvo e tinha direito a dar dez tiros. Para cada tiro, era atribuída uma pontuação de zero a dez, conforme o local em que o disparo houvesse acertado o alvo. Ao final da prova de cada aluno, somava-se toda a pontuação obtida durante os dez disparos, chegando-se a nota do reservista.

O tempo em que eram executados os disparos, também contabilizavam na apuração da nota, ou seja, bons tiros em poucos segundos. Conforme a Ata de “*Escripturação de resultados*” de 1921, foi possível verificar que em média eram dados cinco disparos em quarenta segundos.

Em outras modalidades dos Exercícios de Tiros, existiam outras provas, como os *150m em pé, a,z,c,l* e os *150m dt, aap. z,c,s*.¹⁹ Nota-se também a premiação por meio de medalhas, o que estimulava a emulação entre os alunos.

Conforme a pontuação obtida pelos alunos durante os Exercícios de Tiro, os melhores eram alojados na Primeira Classe de Tiro e os de resultados inferiores, na Segunda Classe. Este mecanismo forçava a superação e o empenho do aluno para melhores resultados e, por conseqüência, a qualidade do Batalhão.

Um dado interessante em relação aos Exercícios de Tiro, era quanto aos alunos com problemas de visão. Estes, “*executavam todos os tiros de instrução a distâncias reduzidas*”, o que dava igualdade de condições para a avaliação dos alunos. (ATA DO RELATÓRIO DE TIRO DO AMNO DE 1921).

O Gymnasio também possuía o seu *stand* de tiro, denominado de Linha de Tiro Tenente Fabiano. Inaugurado em 16 de julho de 1911, funcionava como local de treinamento e provas de tiros dos alunos. Consistia em um grande muro de tijolos, com cerca de cinco metros de altura e setenta de comprimento. Localizava-se aos fundos do Gymnasio, logo após o campo de futebol, nas margens do Rio Taboão. Por meio desta Linha de Tiro, os alunos não precisavam mais sair do internato para treinar no *stand* de tiro do Batalhão de Infantaria de Lorena.

Outro exercício desenvolvido pelo Batalhão Gymnasial eram os Combates Simulados. Estes, caracterizavam-se como simulações de combates, no qual eram executadas táticas de ataques, manobras de deslocamento defensivo e ofensivo. As

¹⁹ Não foi possível chegar a uma conclusão satisfatória sobre o significado destas letras.

tropas utilizavam munições de festim e eram identificadas por algum emblema decorativo, como fitas ou lenços.

Na foto abaixo, notamos o “partido branco” executando manobras durante um combate simulado, nas dependências do Batalhão de Infantaria de Lorena. Observa-se o posicionamento dos alunos, cada um em seu posto, aguardando as ordens de seus superiores (em pé na esquerda da foto). Estas simulações serviam para colocar em prática as noções recebidas pelo instrutor, funcionando ainda como espetáculo para aqueles que assistiam.

Figura 30

Combate Simulado do Batalhão Gymnasial



(O Grêmio, 1910, nº 1, p. 12).

Diante de todo esse contexto de exibicionismo, de preparo físico, de ordem, de civismo e cultura militar, advertia o Superior Geral dos Salesianos, em Carta, aos Provinciais, em 1921:

Os Inspetores [...], conscientes como são daquele espírito de família que Dom Bosco quis sempre ver nas nossas casas, impeçam, com toda a sua autoridade, que nela se infiltre o espírito militarista, um triste fruto da guerra que, infelizmente, possui talvez algum prosélito também entre nós. Onde penetrou, dêem ordens explícitas para que a ginástica seja limitada apenas aos exercícios preliminares e o desporto seja usado somente com muita prudência e parcimônia. As nossas Casa não devem ser transformadas nem em casernas nem em praças de armas, nem em ginásios ou campo de jogos, um tal abuso é uma das casa principais da diminuição dolorosa das vocações. (apud, PONCIANO DOS SANTOS, 2000, p. 409).

Por meio da carta, percebe-se que a cultura militar nos Colégios Salesianos, de ferramenta de propaganda, passou a ser uma ameaça inibidora das vocações sacerdotais

dos alunos e até mesmo da religião. Seria necessário que “*o mesmo entusiasmo dedicado aos exercícios militares e à ginástica, se verificasse nas práticas de piedade e nas festas religiosas*”. (PONCIANO DOS SANTOS, 2000, P. 405).

Mas reconhecia um Provincial da época, Padre Pedro Rota, “*ser muito difícil encontrar a justa medida*”.

Conclusão

Por meio deste estudo, algumas conclusões puderam ser elaboradas à respeito dos Salesianos e da criação de seus colégios, particularmente o Gymnasio São Joaquim de Lorena.

Inicialmente, o cenário encontrado pelos Salesianos no momento de sua chegada no Brasil - transição da mão-de-obra escrava para a assalariada e do Regime monárquico para o republicano, urbanização, etc. - não foram obstáculos para a instalação da Ordem. A criação de seus colégios para a “*instrução da juventude e o engrandecimento da Pátria*”, fez com que Padres logo tivessem o apoio das elites políticas, militares e religiosas.

Um segundo ponto, é perceber que a vinda dos Salesianos para o Brasil insere-se num movimento religioso denominado de Romanização, pela qual a Igreja Católica pretendia homogeneizar seus dogmas e suas práticas religiosas pelo mundo. Deste modo, os Salesianos, juntamente com outras ordens religiosas, chegam ao Brasil para moralizar, “romanizar” e substituir o catolicismo popular, cheio de credices e superstições.

Uma terceira característica fundamental, é verificar que o movimento de romanização dos Salesianos foi direcionado principalmente à juventude, tendo como baluarte deste processo, a educação.

Um quarto destaque, é notar que Segundo Dom Bosco, a preventividade era a principal ação para que a formação escolar e religiosa dos jovens não fosse afetada. Para tanto, viu nos Internatos o local ideal para colocar em prática o seu método educacional, ou seja, a Pedagogia Preventiva de Dom Bosco.

Um quinto fator, é observar que as construções dos Colégios Salesianos, entre eles o Internato de Lorena, ocorreu na medida em que o número de alunos foi aumentando, sendo necessário mais salas de aulas, dormitórios, refeitórios e espaços de lazer. A arquitetura de suas construções, mais do que elementos decorativos, possuíam um sentido pedagógico-religioso. Pretendia-se mostrar o poder do catolicismo, sua moral, sua competência, a qualidade da educação oferecida, entre outros valores, por meio da simetria, dos adornos, da grandiosidade das construções e com a beleza dos jardins. A fachada do prédio tinha a função de seduzir e levar à contemplação do mesmo.

Um sexto destaque, é perceber que a organização espacial do prédio - locais das salas de aula, dos dormitórios, dos refeitórios, dos pátios, da capela, dos corredores e a forma como estes eram decorados com quadros de santos, imagens de Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco, possuía uma intenção pedagógica, ou seja, a de predispor os alunos inconscientemente para a religiosidade, para a contemplação, para a ordem e para a resignação.

Uma sétima característica da dissertação, é notar que a organização temporal do Gymnasio São Joaquim, foi utilizada como uma ferramenta que tornasse o ambiente do internato propenso à evangelização, os estudos e as atividades recreativas. A duração das atividades, como os estudos, as aulas, os recreios, o almoço e o descanso, eram cuidadosamente estipuladas para que não houvessem desgastes físicos e perda de rendimento dos alunos e dos Padres, durante o cotidiano escolar do internato.

Um oitavo ponto, é entender que a incorporação das atividades militares no Gymnasio, por meio do Batalhão Gymnasial, obedeceu dois pressupostos básicos, o da *propaganda*, que trouxe confiabilidade, prestígio e robustez, para a instituição, visto a empatia que a caserna possuía no meio social do momento, e o da *disciplina*, indispensável para a organização e educação salesiana.

Um nono fator, é compreender que as atividades militares com o seu desenvolvimento e reconhecimento por parte da sociedade, passaram a ocupar uma posição de destaque e prestígio nas atividades dos alunos e Padres dos internatos. Tal situação fez com que algumas medidas fossem tomadas por parte dos Superiores da Ordem, como a equiparação dispensada no preparo e execução das atividades religiosas, esportivas e militares dos Padres e alunos. As atividades militares de ferramentas de propaganda e disciplina, passaram a ser uma ameaça inibidora das vocações sacerdotais dos alunos e até mesmo da religião.

Por fim, percebemos que as Práticas Escolares do Gymnasio São Joaquim, revelam um internato dinâmico, festivo, jovem, atento às inovações pedagógicas e tecnológicas. Mostram uma Instituição no qual os alunos eram atores, produtores e espectadores da cultura escolar. Apresenta-nos uma juventude engajada, ansiosa do futuro e de suas conseqüências, uma mocidade que tinha os adultos e os vultos da Pátria como referencial de vida e profissional. Essas Práticas, traduzem por meio dos anos escolares, o amadurecimento gradativo dos jovens, sem “atropelamentos e pulo de fases”. O Internato era como uma cúpula protetora, que distanciava os jovens de

possíveis problemas familiares mais explícitos, como brigas e impasses conjugais, o que garantia a saúde emocional dos internos.

Esta pesquisa sem a pretensão de esgotar o assunto, objetivou contribuir para futuros trabalhos sobre os Salesianos e seus Internatos, ou seja, para a História da Educação Brasileira. Por meio deste estudo, tornou-se possível apresentar e preservar novas fontes de investigação sobre a História da Educação do Vale do Paraíba, uma História que ainda está por ser escrita e contada.

Referências Bibliográficas:

Fontes primárias

- Atas de Exercícios de Tiro e Munição Consumida do ano de 1921.
- Ata do Relatório de Tiro de 1921.
- Ata do Concurso de Tiro ao Alvo do ano de 1916.
- Ata de Escripuração de Resultados de 1921.
- Capítulo Geral da Congregação Salesiana (CG: 21, 26).
- Encíclica *Divini Illius Magistri* de 1929. Disponível em (www.fsspx-brasil.com.br). Acesso em Janeiro de 2007.
- Livro de notas de 1909 - 1917.
- Revista : Revista Salesianos (1999, ano 1, nº1).
- Revista: Boletim Salesiano de 1902 e 1907.
- Revista: O Grêmio.
 - 1910 – números: 1.
 - 1911 – números: 2, 3, 4, 5, 6, 7, e 8.
 - 1912 - números: 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9.
 - 1913 – números: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9.
 - 1914 - números: 1, 2, 3, 4, 5 e 6.
 - 1922 – números: 1 e 7.
 - 1924 – números: 2.

Legislação:

Reforma Decreto de Lei nº 3914, de 26 de Janeiro de 1901. Disponível em (www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas_primeira_republica.html).

Acesso em Janeiro de 2007.

Reforma Decreto de Lei nº 8659, de 05 de Abril de Janeiro de 1911. Disponível em (www.accefyn.org.co/PubliAcad/Clovis/Clovispdf/4.pdf). Acesso em Janeiro de 2007.

Sítios Eletrônicos

(www.limings.com – acesso em 8/06/2008)

(www.cidadeaparecida.com.br – acesso em 8/06/2008)

(<http://www.cmlorena.com.br/histlorena.php> - acesso em - 8/06/2008).

Fontes secundárias

ARCO-VERDE, Yvelise Freitas de Souza. *A Arquitetura do Tempo na Cultura Escolar – Um estudo sobre os Centros de Educação Integral de Curitiba*. São Paulo, 2003. (Tese de doutorado).

ARAÚJO, J.C. e GATTI JÚNIOR, D. (orgs.). *Novos Temas em História da Educação Brasileira: Instituições Escolares e Educação na Imprensa*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.

AZZI, Riolando. *A Obra de Dom Bosco no Brasil*. Barbacena. Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa. 2000.

_____, *Os Salesianos no Brasil*; Petrópolis; VOZES, 1983.

BERNSTEIN, B. 1989. *Classe y Pedagogias visibles y invisibles*. IN: GIMENE SACRISTÁN, J. & PEREZ GÓMEZ, A. *La Enseñanza su teoria y su practica*. Madre Akal, 1989.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Pátria, Civilização e Trabalho*. São Paulo. Edições Loyola. 1990.

BUFFA, Ester. História da Filosofia das Instituições Escolares. IN: SOUZA ARAUJO, José Carlos & GATTI JÚNIOR, Décio. *Novos Temas Em História da Educação Brasileira*. Campinas. Autores Associados. 2002.

_____. & ALMEIDA PINTO, Gelson de. *Arquitetura e Educação: Organização do Espaço e Propostas Pedagógicas dos Grupos Escolares Paulistas, 1893- 1971*. São Carlos, EdUFSCar, 2002.

_____ & _____. *Colégios do século XVI: matriz pedagógico-espacial de nossas escolas*. IN: BENCOSTA, Marcus Albino Levy.

Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

CARONE, Edgar. *A República Velha.* São Paulo, Difel. 1974.

CESAR, Faustino. *Resenha Histórica de Lorena.* Lorena. Coleção Lorenense. 2000.

DAMAS, Luiz Antonio Hunold. *A preventividade na educação salesiana – do carisma à institucionalização.* Brasília: Editora UNIVERSA, 2004.

EVANGELISTA, José Geraldo. *História do Colégio São Joaquim; 1890-1940.* São Paulo: Salesiana, 1991.

_____. *Lorena no Século XIX.* São Paulo, Coleção Paulística, 1978.

FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque paulista.* São Paulo: Unesp, 2004.

FORQUIN, Jean Claude. *Pedagogia, Sociologia e Cultura. In: Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.* Tradução de Guacira Lopes Louro – Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir.* 12.^a Ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.

GATTI JUNIOR, Décio. A História das Instituições Educacionais: Inovações Paradigmáticas e Temáticas. IN: SOUZA ARAUJO, José Carlos & GATTI JÚNIOR, Décio. *Novos Temas Em História da Educação Brasileira. Campinas.* Autores Associados. 2002.

_____. & PESSANHA, Eurize Caldas. História da Educação, Instituições e Cultura Escolar: Conceitos, Categorias e Materiais Históricos. IN: GATTI JÚNIOR, Décio & INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs). *História da Educação em Perspectiva.* Campinas, Autores Associados, 2005.

HIGINO, Elizete. Um século de tradição: a banda de música do Colégio Salesiano Santa Rosa (1888-1988). Rio de Janeiro, 2006. (Dissertação de mestrado).

HORTA, José Silvério Bahia. *O Hino, o sermão e a ordem do dia: a educação do Brasil (1930-1945).* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, pp. 9-43. 2001.

KOSSOY, B. *Fotografia e História.* São Paulo. Ática. 1995.

KULESZA, Wojciech Andrzej. Igreja e educação na Primeira República. IN: SCOCUGLIA, Afonso Celso & MACHADO, Charliton José dos Santos (org.).

Pesquisa e Historiografia da Educação Brasileira. Campinas, Autores Associados, 2006.

LE GOFF, Jacques. *Mercadores e Banqueiros da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LAGES DE MAGALHÃES, Pe. Antonio. *Colégio São Joaquim - 100 anos educando*. Lorena, São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1990.

MAGALHÃES, Justino. A História das Instituições Escolares em Perspectiva. IN: GATTI JÚNIOR, Décio & INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs). *História da Educação em Perspectiva*. Campinas, Autores Associados, 2005.

MONARCHA, C. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 1999.

MURILO DE CARVALHO, José. *A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

_____. “As forças armadas na Primeira República: poder desestabilizador”. In: Fausto, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (vol. 9). São Paulo: DIFEL, 1977.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira república*. São Paulo. E.P.U./EDUSP.1974.

PETITAT, André. *Produção da escola/ Produção da sociedade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PONCIANO DOS SANTOS, Manoel Isaú Souza. *Luz e Sombras: Internatos no Brasil*. São Paulo Salesianos. 2000.

REIS FILHO, Casemiro. *A Educação e a Ilusão Liberal*. Campinas. Autores Associados. 1995.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta, A Escola como laboratório. IN: BENCOSTA, Marcus Albino Levy. *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007.

RODRIGUES, Gama. *O Conde de Moreira Lima*. Lorena. Coleção Lorenense Vol. IX, 2006.

_____. *Um importante depoimento sobre Euclides da Cunha*. IN: PASIN, José Luiz (org). *O Outro Euclides – O Engenheiro Euclides da Cunha no Vale do Paraíba (1902 – 1903)*. Lorena. UNISAL, 2002.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *Reminiscências do Ginásio São Joaquim, de Lorena (1924-1928)*. Campinas. Publicações da Academia Campinense de Letras. 1991.

SILVA, Maria Aparecida Felix do Amaral. *Educação de Mulheres no Vale do Paraíba – Colégio do Carmo (1892 – 1910)*. Guaratinguetá. Digital Print Gráfica e Editora. 2001.

SOBRINHO, Alves Motta. *A Civilização do Café*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1978.

SCARAMUSA, Tarcísio. *Sistema Preventivo de Dom Bosco; um estilo de educação*. 3^a ed. São Paulo. Editora Salesiana Dom Bosco, 1984.

SOUSA, Cyntia Pereira de. *A Educação Pelas Leituras: Registro de uma Revista Escolar*. IN: CATANI, Denice Bárbara. & BASTOS, Maria Helena Camara. (org.). *Educação em Revista – A Imprensa Periódica e a História da Educação*. São Paulo, ESCRITURAS, 1997.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. *A militarização da infância: Expressões do nacionalismo na cultura brasileira*. Cad. CEDES, v. 20, nº 52. Campinas. 2000. Disponível em (cadernos@cedes.unicamp.br). Acesso em Fevereiro de 2008.

THOMPSON, E. P. . *A Miséria da teoria*. Rio de Janeiro. Zahar. 1981.

VIÑAO FRAGO, Antonio & ESCOLANO, Agustín. *Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP& A. 1998.

WALLER, W. *The sociology of teaching*. New York, Russell & Russell, 1961.